

# A ESCOLA PRIMARIA

## Revista de Educação

### SUMMARIO

—	O Anno da Educação
<i>Maria Luiza de Almeida Cunha.....</i>	A Influencia da Religião na Educação da Crença
<i>Maria do Carmo Pereira das Neves..</i>	A Escola Superior de Agricultura de Viçosa
—	Casa do Professor
<i>Ministro Gustavo Capanema.....</i>	Inquerito Educacional
<i>Pedro A. Pinto.....</i>	Lingua Materna
<i>Directora de Escola.....</i>	Trecho de um relatorio
<i>Mestre Escola.....</i>	Tres Palavrinhas
—	Os Programmas Minimos

Redacção e Administração

Rua Sete de Setembro, 174

---

RIO DE JANEIRO

BRASIL

# A ESCOLA PRIMARIA

— REVISTA MENSAL —

Director: ALFREDO C. DE F. ALVIM  
Superintendente de Educação Elementar  
REDACÇÃO: RUA SETE DE SETEMBRO, 174  
RIO DE JANEIRO

ASSIGNATURAS:  
Para o Brasil } um anno.... 12\$000  
                  } 6 mezes..... 6\$000

## SUMMARIO

Maria Luiza de Almeida Cunha.	O Anno da Educação A Influencia da Religião na Educação da Creança, Programma de religião	Casa do Professor.
Maria do Carmo Pereira das Neves.....	A Escola Superior de Agricultura de Viçosa.	Inquerito Educacional. Lingua Materna. Trecho de um relatório. Tres Palavrinhas.
		Os Programmas Minimos.

## O ANNO DA EDUCAÇÃO

*Aos que acompanham o movimento das idéas no campo da politica e da cultura nacional afigura-se que o anno corrente ha de merecer da posteridade a justa denominação de Anno da Educação. E será sem duvida um glorioso epiteto este, que recordará a somma de numerosos e grandes esforços no sentido da elevação e da extensão da cultura intellectual do país.*

*Sente-se de todos os lados o desejo de melhorar e ampliar o ensino e a educação. Aqui são os protestos contra a baixa de nivel do ensino secundario, além a queixa contra o analphabetismo das massas, acolá o apoio decidido, por parte do povo, a todas as iniciativas tendentes a melhorar o ensino.*

*No ambito da administração federal,ahi temos, obra do eminente ministro Capa-*

*nema, o grande inquerito educacional promovido para que o Congresso Nacional possa, no cumprimento do dispositivo da Carta de 16 de Julho, lançar as bases duradouras do Plano Nacional de Educação, e além desse inquerito, em que vão collaborar quantos se achem armados de boa vontade, temos a construção da Cidade Universitaria, já definitivamente assentada nos conselhos governamentaes.*

*Tambem nos Estados se nota o interesse em diffundir a cultura e a boa vontade em empregar nesse desideratum quantias cada vez mais consideraveis. Empregar, não gastar, dizemos de proposito, pois não ha melhor emprego de dinheiro, para a administração, do que esse, que consiste em erigir o nivel cultural da massa popular.*

Toda a correspondencia deve ser dirigida á redacção: Rua Sete de Setembro, 174

*As assignaturas d'A Escola Primaria podem ser tomadas em qualquer época pelo preço de 12\$000 por anno para o Districto Federal e para os Estados.*

*Os pedidos devem vir acompanhados da respectiva importancia e endereçados á Redacção d'A Escola Primaria — Rua 7 de Setembro, 174 — Rio de Janeiro.*

Matriz:

### CASA MATTOS

Filial:

R. Ramalho Ortigão, 24

R. Mariz e Barros, 188-A

TELS. } 22-3552  
      } 22-3353

**FERREIRA DE MATTOS & CIA.**

TELS. } 28-0722  
      } 28-7892

Grande e variado sortimento de artigos de  
PAPELARIA — LIVRARIA — PINTURA E DESENHO

Os distinctos Estudantes  
encontrarão sempre na  
CASA MATTOS os artigos  
de melhores qualidades  
por preços sem  
competidores



Prefiram sempre as nossas  
afamadas marcas:  
"ACADEMICO", "FER-  
RARTE" e "INFANTIL".  
Cadernos "EDUCATIVO"  
com mappas do Brasil  
— e Planisferio —

SÃO AS MELHORES EM QUALIDADE E PREÇOS

## EXPEDIENTE

*As assignaturas d'A Escola Primaria podem ser tomadas, em qualquer época pelo preço de 12\$000 por anno para o Districto Federal e para os Estados. Os pedidos devem vir acompanhados da respectiva importancia e endereçados Redacção d'A Escola Primaria — Rua 7 de Setembro, 174 — Rio de Janeiro.*

# A Influencia da Religião na Educação da Criança

(Um Programma ja approved por autoridade Ecclesiastica)

Na actual serie de conferencias organizada pela Sociedade Pestalozzi é certamente o assumpto desta que tem maior relevancia: a Educação religiosa.

Não attribuímos á palavra religião o sentido apenas de uma attitude sui-generis da esphera emocional, nem tão pouco o conceito de uma cadeia de ritos sem substracto interior, a que se prendam os sentidos.

«Religião», por sua propria etymologia, significa «ligar», e portanto suppõe 2 termos que se põem em contacto.

São elles Deus e o Homem.

Do «Homem», sabemos que não tem o principio em si; que é um ser contingente e como tal não pôde encontrar em si a finalidade ultima de sua existencia.

Essa «razão de viver» actual ou teleologica encontra-se naquelle termo que é a causa de todas as coisas creadas: «Deus», unico ser necessario, pessoal, distincto da natureza.

Basta um pouco de bôa vontade, de desapaixoadada reflexão, para encontrarmos todos os argumentos que abonam estas verdades.

Não me deterei em enumerar-os.

A messe bibliographica é farta no assumpto e seria fazer injuria pensar que a desconhecem.

Não é meu objectivo, embrenhar-me na polemica destes assumptos vitaes. Falha-me cultura, bem sabeis.

Pretendo apenas pôr em evidencia os seguintes valores, intimamente ligados a esta concepção:

1.º — O naturalismo — é incapaz, insufficiente, pobre para a formação religiosa.

2.º — O conceito de religião, tal como o expomos, tem dado resultado atravez de 20 seculos.

3.º — Difficuldades do momento presente para a formação religiosa.

\*

Coherentes com o que ficou dito, havemos de considerar 2 aspectos em nosso estudo: o 1.º natural — em que se enquadra toda a vida vegetativa, sensitiva e intellectual. — Plano este attraente, rico, seductor em que se desdobram todas as possibilidades da pesquisa scientifica, e toda a fascinação para o raciocinio avido de investigar, coordenar, descobrir.

—Mas este plano não é o unico de vitalidade. Pela Revelação divina exhaustivamente

repetida na Escripura Sagrada, repizada, lembrada em todos os tempos pela Igreja Catholica, somos chamados a um teor de vida mais alto.

Esse novo principio Vital é a graça de Deus que se enxerta na natureza humana, dando-nos possibilidades que ultrapassam a razão.

Na formação religiosa temos que attender a essa conjugação de forças: a natureza e a graça, pois o «fim proprio e immediato da educação christã é «cooperar» com a graça divina na formação do verdadeiro é perfeito christão». (Palavras de Pio XI em sua encyclica «Divini illius magistri» de dezembro de 1929).

Sentis que a idéa naturalista, menosprezando o subsidio sobrenatural mutila a vida de seu valor mais forte que é Deus.

Mas, dizem muitos, como viver esta vida divina? Como orientar minha intelligencia, minha vontade, emfim, todas as minhas actividades por um padrão que desconheço?

Seria poderosa, insuperavel mesmo esta objecção, se num cantinho da longinqua Judéa a divindade não se tivesse posto ao alcance da possibilidade humana. Este Ideal que é a Perfeição infinita se fez semelhante a nós, de corpo e alma, afim de nos tornar semelhantes a Elle.

Dae-vos ao trabalho de estudar á luz da critica historica, dos principios de hermeneutica esse modelo que se encarnou numa vida igual á nossa, sujeito ás mesmas necessidades materiaes, cheia de occupaões singelas até mesmo vulgares, em lucta de contradicções, debatendo-se em soffrimentos como os que nos angustiam e tereis a chave do problema.

Merecem tanta consideração as biographias dos grandes homens! Será possivel que só a de Jesus fique relegada á poeira das estantes? Não merecerão, ao menos um olhar as suas attitudes, as suas palavras deante dos probelmas que são nossos como a Lucta, a Justiça e a Dôr?

Em todos os tempos da historia encontramos individuos que nessa contemplação acharam o melhor estimulo de viver e que se identificaram pouco a pouco com o divino modelo.

Incapazes de reproduzir toda a perfeição da

physionomia divina, cada um se esforçou em reproduzir, ao menos, alguns traços e eil-os que irradiam todos a semelhança mais ou menos exacta que conseguiram copiar do modelo efficaz. Santos e Santas de todas as idades e condições, modestas e grandiosas figuras da humanidade incessantemente postas deante de nossos olhos vêm encorajar nossa fraqueza na ansia de perfeição.

—Uma nota impressionante colhida num inquerito do Lab. de Psychologia da E. A. é justamente a «mingua» de modelos a que aspiram nossas creanças. Acresce ainda, que os modelos mais frequentemente mencionados não são os que synthetizam um ideal superior.

Os dados a que me refiro são os seguintes e me foram fornecidos pela collega Maria Anlica de Castro, incansavel e competente assistente de mme. Antipoff.

Com que pessoa você quer se parecer?

Creanças de 4.º anno.

Idade: 11 a 13 annos.

	199 (760) — 1934 (1398)	
	M.	F.
Personagens illustres	11% — 5%	5% — 0,6%
Pessoas da familia	49% — 12%	37% — 38%
Comsigo mesmo	7% — 2%	21% — 16%
Motivação egocentrica	8% — 13%	1% — 12%
Motivação altruistica	33% — 44%	23% — 37%

Notam por este quadro que o desejo de parecer com personalidades illustres baixou, nos meninos de 11 % para 5 % e nas meninas de 5 % para 0,6 %; baixou o desejo de parecer com pessoas da familia entre os meninos de 49 % para 37 % e entre as meninas 42 % para 38 %. E teria sido esta baixa em favor de um padrão superior? Lamentavelmente, não! A porcentagem dos que se satisfazem comsigo mesmo augmentou numa proporção impressionante: entre os meninos de 7 % para 21 % e entre as meninas de 2 % para 16 %!! E isto na idade de 11 a 13 annos, quando os psicologicos já assignalam o apparecimento de interesses ethicos e sociaes!

A motivação *egocentrica* confirma a observação, pois que cresceu em detrimento da motivação altruistica, como se nota pelo quadro.

Como percebem, o symptoma é grave! Ai de nossas creanças si não as arrancarmos desta etapa tão primitiva do desenvolvimento psicologico!

A culpa deste atrazo é nossa, nossa, tres vezes nossa!

Não culpemos a Escola, não culpemos a sociedade desta avitaminose de Ideaes! Antes da Escola, compete-nos a nós paes e mães o scerguimento destas aspirações.

Por outro lado, resultados de pesquisas tambem do Laboratorio de Psychologia, publicados na «Revista do Ensino» de 1932 e outros ainda ineditos de 1933, 1934 e 1935, revelam que o interesse pelas cousas religiosas occupa o 1.º lugar, tanto nas cogitações dos meninos,

como nas das meninas.

Isto nos induz a considerar a religião não como um mero processo orthopedico de desvios moraes, mas como um elemento que corresponde a uma tendencia normal da mentalidade. — A religiosidade não é um leito de Procusto, é uma potencia de vida inherente á natureza humana.

Como tal merece ser investigada, aproveitada, alimentada e rectamente dirigida.

Mas, quaes as difficuldades que para isso se nos antolham no momento presente?

Estudemos algumas para solucional-as e, cohesos, unidos, realizarmos a tarefa de educar bem nossa geração.

Parece-me que a primeira é a ignorancia religiosa.

Ninguem se atreve a emittir opiniões sobre sciencia, artes, literatura ou mesmo moda, sem conhecimento de causa.

Em se tratando de religião todos «são formados, todos discutem e pontificam... sem ter passado da 1.ª parte, do 1.º catecismo que foi aprendido (Deus sabe como!) no 1.º anno primario!

Resultado: essa monstruosidade com que se topa a todo momento: homens e senhoras eruditos e respeitaveis que em materia de religião dizem inacreditaveis dispausterios.

O Padre Leonel Franca, com a sua invejavel erudição, conta-nos no seu livro já bastante divulgado «Psychologia da Fé», varios casos desse mesmo mal até em professores de universidades: como Draper, professor de physiologia da Universidade de Nova York, Soderblom, critico conceituadissimo e outros...

Sirvo-me ainda das palavras de Hettinger, citadas pelo padre Franca, cuja autoridade todos reconhecem, para reforçar minha asserção: «Cultivam-se todas as regiões da alma, excepto a mais profunda, a mais intima, a mais essencial, que permanece inculta, esteril e desolada como um terreno baldio», e continúa o padre Franca — «com o volver dos annos e o amadurecer da razão, com a aquisição de novos conhecimentos profanos, as questões religiosas apresentam-se sob outros aspectos: multiplicam-se as objecções; accentua-se o maior desejo de profundidade e compreensão. Afim de cobrir certos desequilibrios funestos é mistér que a instrucção religiosa, ascendente e progressiva, vá respondendo a todas as novas exigencias da alma que se desenvolve. E' a ordem da Providencia a que nos são podemos subtrahir sem incorrer em riscos graves».

Dessa ignorancia religiosa decorre a diffusão de conceitos erroneos sobre a piedade; de normas de conducta perniciosas com o rotulo de christãs!

Parece-me que o medo de adaptar a conducta á verdade religiosa é um dos moveis mais frequentes dessa lastimavel ignorancia.

Não basta, entretanto, saber religião para bem educar religiosamente os filhos. É preciso conhecer-lhes os temperamentos... e a vida moderna, arrastando paes e mães para fóra do lar, priva-os de oportunidades de conhecerem os filhos, de os estudarem num convívio sereno.

Quantas magoas, quantas tragedias temos observado por causa desse desentendimento entre paes e filhos!

Não será a causa remota desses choques a falta de preparo para o matrimonio?

Para todas as missões na Vida, se exige um preparo adequado: para a do medico, 6 annos, do engenheiro, do advogado, da professora, prazos mais ou menos correspondentes.

Para a missão mais nobre, mais inherente ás tendencias humanas, porque ao casamento todos podem legitimamente tender, não se preparam nem o jovem nem a jovem... Começam uma vida nova sem comprehensão das suas responsabilidades, sem visão, inaptos ao cultivo dos thesouros que lhes vão ser confiados...

Supposto que os paes saibam religião, e conheçam o temperamento do filho, devem ainda evitar uma attitude muito perigosa para a formação da consciencia infantil — e esta é a descontinuidade de acção:

Num dia de bom humor, ha paes que supportam dos filhos as maiores extravagancias e diabruras, num dia de «spleen» as menores faltas são punidas com arrebatamento.

Esses altos e baixos desorientam as creanças. Deante de attitules equivalentes, é preciso que os paes mantenham sempre as mesmas reacções. Esta serenidade methodiza o ambiente do lar.

A este ambiente do lar é tambem imprescindivel imprimir um cunho christão não só pela nota caracteristica da oração em commum, mas tambem por algo de mais difficil... Na preocupação, até certo ponto louvavel, de tornar suave a vida dos filhos, vamos deixando que elles se habituem a um commodismo perigoso, que os induz a exigencias constantes. Numa atmospheria tal — se esquece o «self-control» mirrando o espirito de sacrificio, unico efficiente para que se affirme o eu superior.

Felizmente, nas familias numerosas não correm os filhos tanto esse perigo de endeusamento, porque a solicitude dos paes tem que ser naturalmente distribuida — e o convívio com os irmãos lhes desbasta o egocentrismo.

Não commentarei as difficuldades que na sociedade tanto prejudicam a educação. Vizei apenas estudar o problema «dentro de casa» — mas de passagem, devo lembrar que urge moralizar nosso cinema — aproveitar esse valor como elemento constructivo e não consentil-o deletério, como vae sendo.

Vêem os senhores que os difficuldades não

são intransponiveis. Basta estudar um pouco, integrar a nossa vida no conhecimento da verdade — e disso decorrerá naturalmente o factor mais poderoso para a bôa formação christã de nossos filhos: isto é o nosso exemplo de cada dia, de cada hora! Agindo christãmente, não só nos momentos da prece, mas com esse mesmo cunho em face dos acontecimentos, em face dos que nos rodeiam.

Não nos escravizemos á visão naturalista, deixemos que pela oração a nossa vida se robusteça na graça sobrenatural.

Sentem os senhores como a religião é fecunda em valores educativos pela direcção que imprime á formação adequada á finalidade suprema do homem; pela exuberancia de exemplos dos que «viveram» esta vida christã; pelo subsidio sobrenatural da graça que Jesus nos conquistou.

Terminando, não me posso furtar ao prazer de fazer minha uma pagina de Carlos Wagner, do seu livro «Auprès du foyer», citada por P. Bovet: — autores estes que não podem ser suspeitos de sectarismo catholico a quem quer que seja.

«Entre as santas e velhas cousas balbucias a respeito de Deus pela fraqueza humana, muitas foram ouvidas primeiro debaixo do humilde tecto familiar. O mais doce nome que o homem dá a Deus, foi colhido sobre os labios das creanças.

Abba! é um dos primeiros gritos de todas as linguas. Christo o colheu nos berços para fazer delle, a Deus, uma homenagem de ternura e confiança e ao homem uma fonte de consolo, de confortante claridade nas trevas da vida.

Aquelle que está bem solidamente preso ao laço de familia, está em correspondencia com o fundo occulto das cousas atravez dos intermediarios estabelecidos pela vontade divina...

Não penso que um pae ou uma mãe possam ficar insensiveis á confiança absoluta que lhes testemunham os filhinhos...

Donde vêm a elles a fé tranquilla que têm em nós? Quem somos nós para inspirar uma confiança infinita?

Somos um dos élos da cadeia que vae de Deus até esses caros recém-vindos. Sua calma indica que a cadeia é forte e que a amarra é solida.

Porque, pois, tu que inspiras confiança, não tens confiança?

Tomaste algumas vistas fragmentarias que tua mente reuniu a respeito do mundo e fabricaste um universo vacillante que ameaça ruir sobre tua cabeça. Emquanto teu filho dorme sobre teus joelhos — sereno como os astros que percorrem a sua trajetoria, tu, o seu abrigo, tu te sentes carcomido.

De vós dois é elle que tem razão, embora não raciocine ainda. Imita seu exemplo,

tens direito de fazel-o. O que tu és para elle, um outro o é para ti. Pois que elle te chama «Pae», aprende a sua linguagem, olha mais alto e envolvendo-te da confiança que tu inspiras, sobe para a fonte de onde elle emana, e não temas, apesar da treva, em dizer mais uma vez: «Meu Pae!...»

#### PROGRAMMA DE RELIGIÃO OBJECTIVOS GERAES:

O ensino da religião na escola primaria tem como objectivos:

- Dotar a creança de solidos conhecimentos basicos da verdade catholica;
- desenvolver nella *habitos* de um verdadeiro christão;
- inicial-a na vida liturgica da Igreja e na Acção Catholica.

Nota: — A professora aproveitará as oportunidades da vida escolar para a formação christã da creança.

#### ESCOLA INFANTIL

##### 1.º Periodo

Conhecimentos: Mostrar as imagens de Jesus Maria, José. A Cruz. A Casa de Deus. (Igreja) O Santuario. O Anjo da Guarda.

Habitos: 1.º) Atravez da historia do menino Jesus, e aproveitando as oportunidades da vida domestica e escolar, incutir habitos de sinceridade, bondade e obediencia.

2.º O signal da Cruz. Pequena oração da manhã e da noite. Ex.: Papai do Céu abençõe Papae, Mamãe, meus irmãosinhos e a mim tambem. Pequenas visitas a Jesus Sacramentado.

##### 2.º Periodo

Conhecimentos: 1) Algumas passagens da vida de Jesus.

- Nascimento;
- Infancia;
- Jesus e as creanças;
- Jesus cura os doentes;
- Dá pão ao povo faminto;
- Ensina a rezar;
- Conta historias ensinando a ser bom;
- Jesus morre na Cruz;
- Sobe ao Céu.

(Emprego de gravuras adequadas).

Habitos: Como no 1.º periodo — bondade: dar de comer, de beber: aos pöbres, visitar os doentes, rezar pelos irmãos e companheiros.

O signal da Cruz, Ave-Maria, Canticos.

##### 3.º Periodo

Conhecimentos: I) Revisão das passagens já II) O Dia de Natal. III) O Domingo de Ramos. IV) A Sexta-feira da Paixão.

VI) Nossa Senhora.

VII) O dia de ir á Igreja.

b) O que se faz na Igreja. (Assistir á Missa. Rezar. Confessar-se. Receber N. Senhor).

Habitos: Como no periodo anterior. — Generosidade — Pequenos sacrificios.

Idem. Ave-Maria. Padre Nosso. Assistencia á Missa.

#### PRIMEIRO ANNO

- Conhecimento da existencia de Deus.
  - conversa sobre a bondade, justiça e sabedoria de Deus.
- O peccado original — Promessa de um Salvador.
- Nascimento de N. Senhor:
  - Adoração dos Anjos, pastores, dos Reis Magos;
  - Matança dos innocentes e fuga da S. Familia para o Egipto;
- Vida occulta:
  - A Sagrada Familia em Nazareth;
  - Jesus entre os doutores (no templo de Jerusalem).
- Narrativo summario da vida publica:
  - Seu amor ás creanças «deixae que venham a mim as creancinhas» (Luc. XVIII — 15).
  - Bondade de Jesus para com os peccadores: Maria Magdalena. (Math. XXVI — 6.13).
  - Bondade de Jesus para com doentes: cura dos 10 leprosos (Luc. XVII — 11-19). Cura do cego de Jericó. (Luc. XVIII — 35).
  - Bondade de Jesus para com os que soffrem: resurreição do filho da viuva de Nain, (Luc XI — 11) e da filha de Jairo. (Luc. XIII — 49).
- Narrativa summaria e viva da Paixão e Morte de Jesus.
- O baptismo. Necessidade e consequencias.
- Confissão:
  - Necessidade;
  - disposição para bem receber este Sacramento;
- Eucharistia — Sacramento do Amor.
  - Presença real de Jesus no Santissimo Sacramento;
  - disposição para receber bem este Sacramento;
  - devoção a Pio X — o papa da Eucharistia.
- Inferno. Purgatorio e Céu.
  - Amor a Jesus — ao proximo. Obediencia. Amor ao trabalho. Veracidade.
  - Oração da manhã e da noite. Signal da Cruz, Ave-Maria, Padre Nosso. Assistencia á Missa. Visitas a Jesus Sacramentado.

Minimo: Conhecimento firme:

- 1) Da existencia de Deus.
- 2) Da Divindade de Jesus.
- 3) Dos Sacramentos mencionados.
- 4) Da existencia do inferno, purgatorio e Céu.

NOTA: — Para as creanças que não tenham feito a Primeira Communhão e se esta fôr feita no fim do 1.º semestre, adoptar o Catecismo abreviado. Catecismo das creanças (para a 1.ª classe) parte do alumno. Imprensa Diocesana de Bello Horizonte.

### SEGUNDO ANNO

- I) Creação dos Anjos. Sua queda. Consequencias.
- II) Creação do mundo e do homem.
- III) O paraizo e o peccado original. Promessas do Salvador.
- IV) Vida occulta de Jesus.
  - a) Avivar e firmar os conhecimentos referentes á infancia ministrados no anno anterior.
  - b) Salientar, como na vida em Nazareth Jesus dá exemplo de humildade, obediencia, amor ao trabalho.
- V) Vida publica.
  - a) São João Baptista. O Baptismo de Jesus. Manifestações de S. S. Trindade.
  - b) Jesus pratica e ensina a caridade. Parabola do bom Samaritano. (Luc. X — 23-37).
  - c) Jesus ensina e pratica a Justiça. Pagamento do Imposto; dae a Cezar o que é de Cezar. (Matheus XXII—15-22).
  - d) Jesus prova que é Deus. Faz reiteradas affirmativas de sua divindade; discussão com os Phariseus e realiza milagres (Bodas de Caná — João, II, — 13-12), attitude de N. Senhora. Multiplicação dos pães, (Marc. XI, — 30-44). Pesca Maravilhosa, Luc. V — 1-11).
  - e) Jesus pratica e ensina a mortificação: Jejum no deserto; sua pobreza.
  - f) A ultima ceia; instituição da Eucharistia.
  - g) Traição de Judas. Condemnação; flagellação; corôa de espinhos; crucifixão; conversão do bom ladrão. Morte na Cruz.
- VI) Ressurreição.
  - a) Apparição a Maria Magdalena e aos discipulos de Emaus.
- XII) Ascensão e Pentecostes.
  - a) O retiro de N. Senhora e dos Apostolos no Cenaculo a espera do Espirito Santo.
- VIII) Recordar e firmar os conhecimentos ministrados a respeito do Sacramento, Baptismo. Penitencia, Eucharistia.
  - b) Conhecimento summario dos demais sacramentos.

- IX) Missa.
  - a) Conhecimento das partes principais da missa: (offertorio, consagração e comunhão);
  - b) Obrigação de ouvir missa nos domingos e dias Santos.
- X) Conhecimento dos mandamentos que se referem aos deveres para com Deus. (Os tres primeiros).
 

Habitos: 1.º Fimar os habitos indicados no 1.º anno e incutir em especial a humildade e o amor ao sacrificio.

2.º Oração da manhã e da noite (Signal da Cruz. Ave-Maria. Padre Nosso. Credo). Assistencia mais consciente á Missa. Frequencia á Confissão e Communhão. Devoção a N. Senhora e Anjo da Guarda.

Minimo: A criação do mundo por Deus. Divindade de Jesus — provas. Noção segura do Baptismo. Penitencia e Eucharistia. Noção summaria dos demais mandamentos. Noção summaria da Missa. Assistencia á Missa.

### TERCEIRO ANNO

- I) Recordar a narrativa biblica da Creação do mundo.
  - a) A prova a que foram submettidos os nossos Primeiros Paes para merecerem o céo. A tentação do demonio. A queda e a consequencia do 1.º peccado.
- II) Promessa do Salvador.
  - a) O Anjo annuncia á Maria Santissima que será mãe de Jesus (Luc. I—23-38).
  - b) A visita de Santa Izabel. A Ave Maria. Luc. I—39-56).
- III) Recordar os topicos ministrados no anno anterior localizando no mappa a Palestina com suas divisões: Judéa, Samária, Galiléa) e as cidades de Belém, Nazareth e Jeruzalem.
  - b) Illustrar com maior numero de milagres e parabolos os topicos mencionados no 2.º anno (parabola do filho prodigo, Luc. XV — 11-32) a tempestade acalmada, (Marc. IV — 35), o bom Pastor, (Luc. XV — 1,7).
  - c) Jesus ensina em parabolos o que é o reino de Deus (O Semeador, (Luc. — 4). O thesouro escondido. A perola de grande valor, etc., Math. XIII — 44-52).
- IV) A ultima ceia.
  - a) Jesus faz aos apostolos suas ultimas recommendações. (João XIII—31).
  - b) Institue a Eucharistia.
  - c) A agonia no Horto das Oliveiras. Exemplo de conformidade com a vontade de Deus. (Faça-se a tua vontade. (Luc. XXII — 1).

- V) Recordar a narrativa da Paixão.
  - a) Salientar a attitude impia de Sanhedrim de Herodes e a de Pilatos.
  - b) Morte e sepultura de Jesus. Piedade de Nicodemus e José de Arimathéa.
  - c) A alma de Jesus vai ao limbo.
- XI) Recordar e fixar o conhecimento da Ressurreição, Ascensão e Pentecostes.
  - a) Efeito do Espirito Santo nos Apostolos.
  - b) Deveres para com o Espirito Santo.
  - c) Hymno ao Espirito Santo, «Vide Santo Espirito».
- XII) A Igreja Catholica.
  - a) Sua fundação por Jesus. «Pedro, apascenta meus cordeiros, etc. (João XXI — 16-17).
  - b) Seus caracteres;
  - c) Sua organização (O Papa, os bispos, os sacerdotes, os fieis);
  - d) fóra da verdadeira Igreja ninguém se póde salvar.
  - e) A Igreja guiada pelo Espirito Santo.
  - f) A infallibilidade do Papa.
- VIII) Meios de Salvação.
  - a) A verdadeira fé. Quadro synoptico do Credo, salientando como nelle estão contidas todas as verdades a respeito de Deus, Jesus, Espirito Santo e a Igreja).
  - b) A graça pelo Sacramento. Recordar os Sacramentos.
  - c) O perdão dos peccados.
  - d) A communhão dos Santos.
- IX) Os mandamentos da Lei de Deus.
  - a) Recordar os tres primeiros que se referem a Deus, apprendidos no anno anterior.
  - b) Conhecimento summario dos 7 restantes que se referem ao proximo.
- X) O peccado.
  - a) Distincção entre peccado original e actual.
  - b) Distincção entre peccado venial e mortal.
- XI) As virtudes theologaes.
  - a) A Fé.
  - b) Esperança.
  - c) Caridade.

Exemplos de martyres, de santos que praticaram heroicamente taes virtudes. Memorização do Acto de fé, esperança e caridade.
- XII) Missa.
  - a) Recordar os conhecimentos ministrados no 2.º anno.
  - b) Objectos necessarios para celebrar missa (calice, patena e paramentos, etc etc.
  - c) Como se deve participar do Santo Sacramento.
- XIII) Conhecimento summario do Anno Li-

turgico.  
a) Cyelo de Natal (Mysterio da Incarnação).  
b) Cyelo de Paschoa (Mysterio da Redempção).

Habitos: 1.º Consolidar os habitos adquiridos no anno anterior e incutir especialmente os de Justiça e Honestidade.  
2.º Consolidar os habitos de piedade indicados nos annos precedentes (Oração da manhã e da noite, Assistencia á Missa, frequencia aos Sacramentos, etc.)  
3.º Incentivar a participação nas principais festas do anno liturgico: Natal, Epiphania, Semana Santa, Pentecostes.

Minimo: a) Deus existe. E' Perfeito. ASS. Trindade.  
b) Saber narrar pelo menos um milagre, uma parabola de Jesus.  
c) A Eucharistia é a maior prova de amor e misericordia de Jesus.  
d) A Igreja Catholica é guiada pelo Espirito Santo.  
e) O Papa é infallivel.  
f) O que é graça.  
g) Conhecimento firme dos Sacramentos e da Missa.

### QUARTO ANNO

- I) Que é ser christão.
  - a) Crer (significação da palavra).
  - b) Professar a doutrina de Christo.
  - c) Como professal-a (exemplo dos martyres, dos missionarios e dos santos).
  - d) A Cruz é o signal do Christão.
- II) O Credo.
  - a) Conhecimento firme dos dogmas contidos em seus doze artigos.
  - b) Provas da existencia de Deus.
  - c) Reiterada promessa do Salvador aos patriarchas do antigo testamento. Abrahão — Gen. XXII — 18. Isaac XXVI — 4 — Jacob XXVIII — Judá — Gen. XLIX — 10.
  - d) As prophcias referentes ao Salvador (Isaias, Jeremias, Ezequiel, Daniel).
  - e) Provas da divindade de Jesus.
  - f) A Igreja catholica é a unica verdadeira.
  - g) A infallibilidade do Papa.
- III) A lei.
  - a) Conhecimento firme do que manda e do que prohibe cada um dos 10 mandamentos.
  - b) Conhecimento dos mandamentos da Igreja.
- IV) A Graça.
  - a) Seus efeitos.
  - b) Como adquiril-a; oração e sacramentos.
- V) A Oração.
  - a) Jesus ensina a orar. Padre Nosso (os 7 pedidos).
  - b) Necessidade de orar.

- VI) Revisão geral dos Sacramentos.  
 a) Insistir sobre a disposição para receber com fructos a Communhão. Deveres para com a Eucharistia.  
 b) Necessidade da communhão frequente.  
 c) O Sacramento da Confirmação.  
 d) O Sacramento do Matrimônio.
- VII A Missa.  
 a) O sacrificio nos tempos primitivos (Caim, e Abel). Abrahão Melchisedech).  
 b) O sacrificio do Calvario.  
 c) Fins do sacrificio (Adorar, Agradecer, Impetrar, Expiar).
- VIII) Liturgia actual da Missa.  
 a) Como se deve ouvir missa.  
 b) Obrigação de ouvir-a inteira nos Domingos e festas de guarda.
- IX) O anno liturgico.  
 a) Os tempos do Cyclo de Natal (Advento, e Epiphania).  
 b) Os tempos do Cyclo de Paschoa (Septuagesima, Quaresma, Paixão, Tempo depois de Pentecostes).
- X) As virtudes Theologaes.  
 a) Necessidade de pratical-as para ser bom christão.

- b) Os dons do Espirito Santo e seus efeitos nas almas.  
 A Santificação (Sêde perfeitos).  
 Habitos: 1.º Consolidar os habitos christãos adquiridos. Estimular a pratica das virtudes christãs no convívio domestico e familiar. Deveres de estado. Zelo pela salvação do proximo.  
 2.º Vida Eucharistica. Assistencia consciante á Missa.  
 Incotir o desejo de perfeição christã.  
 Mínimo: a) Provas da existencia de Deus da divindade de Jesus,  
 b) Saber que a Santa Igreja Catholica é a unica verdadeira.  
 c) O Papa é infallivel.  
 d) Conhecimento seguro das disposições para receber bem a Eucharistia.  
 e) O Dever paschal.  
 f) Assistencia consciante á Missa.

NOTA — (Programma approved pela autoridade Ecclesiastica).

**Maria Luiza de Almeida Cunha.**

(Da «Revista de Ensino» de Bello Horizonte).

## A Escola Superior de Agricultura de Viçosa

*Nossa collaboradora D. Maria do Carmo Pereira das Neves, illustre superintendente das escolas ruraes do Districto Federal acaba de fazer uma visita de estudos á Escola de Agricultura de Viçosa. Interessante nos foi ouvir a distincta professora — um dos brilhantes ornamentos do nosso magisterio — sobre as impressões colhidas no afamado estabelecimento de ensino de Minas Geraes.*

Refere-se a professora Maria do Carmo Vidigal ás observações de caracter pratico colhidas nesse magnifico centro experimental, que honra a energia mineira pelas realizações progressistas que aí se verificam, pela victoria de uma criação, de alta finalidade, como a Escola de Viçosa, destinada á formação grícola, integral, da mocidade, que aí aprende a melhor amar o Brasil, contribuindo de modo digno, científico, para o desenvolvimento da nossa produção, industria e commercio, fontes de riqueza de qualquer paiz.

A Escola de Viçosa, disse a professora Maria do Carmo, serve como bellissima lição de civismo e de coragem a todo o Brasil. Escolas assim, que inspiram confiança pelos ideais que difundem, pelos

trabalhos que realizam, pela organização modelar de seus laboratorios e de seus campos experimentais; escolas desse tipo, destinadas a influir, de maneira decisiva, na formação moral e social, como iniciativa á lavoura, processada em moldes tecnicos, concorrendo para firmar as grandes directrizes da educação popular e melhor aproveitar as possibilidades da massa, guiando-a com alma e orientando-a com uma visão e em idealismos, superiores, devem ser espalhadas por todo o Brasil.

Nota-se na Escola de Viçosa, o entusiasmo espontaneo, o interesse patriótico dos alunos e mestres, pela obra, que ahí se desenvolve, firme e sadia. É uma escola da vida e para a vida, a que o Dr. J. C. Belo Lisboa, com o seu elevado espi-

rito de educador moderno, dá todo o seu carinho, desdobrando-se em atividade, como um "verdadeiro centralizador de energias", dinamico e bem humorado sempre, forjando as bases de uma patria livre, plasmando os caracteres jovens de nossa terra e servindo ao paiz com a fé inquebrantavel dos apóstolos da educação, verdadeiramente illuminados.

Tivemos, os educadores cariocas — a compreensão nitida da projeção social da Escola de Viçosa; do bem, que difunde; da nova geração que está formando, mais amiga da nossa terra e da nossa gente, mais amante das riquezas incomparaveis do nosso sólo.

Damos os nossos calorosos parabens ao Governo e ao Povo de Minas — cuja alma hospitaleira e boa ascoltamos bem de perto, nesse 2º Mês Feminino — pela realidade brilhante que é a Escola Superior de Agricultura e Veterinaria de Viçosa. E, mui particularmente, rendemos, a seu illustre Director, o nosso preito de admiração e todo nosso louvor, pela obra que ha 15 annos realiza, de desbravamento, de catequese, de conquista; pelo espirito de cooperação que implantou entre os seus educandos e auxiliares; pela ordem que se nota no trabalho, pela prosperidade das instituições sociais anexadas a tão notavel educandario; pelo character eminentemente humano e pela sua atuação alem dos muros da Escola; pela benéfica atividade que exerce, impondo-se á gratidão, não só de Minas, como de todo o Brasil, porque, na Escola de Viçosa, educa-se a mocidade "num ambiente de luz e harmonia, com os olhos fitos na grandeza do Brasil".

Acompanhando, durante uma quinzena, os seus cursos praticos, com o objetivo de facilitar a nossa tarefa nas escolas rurais, onde servimos, observando as pesquisas em laboratorios, os trabalhos praticos nos campos experimentais, fazendo estudos interessantes, orientados por tecnicos competentes, bem pudemos avaliar, em cursos mais extensos, qual o valor que terão essas aulas praticas, baseadas em processos científicos que visam o aperfeiçoamento da agricultura.

Trouxe-nos, essa assistencia a tais cursos, sobretudo os agrícolas, a convicção de que enveredamos em bom caminho e que o "plano de estudos" estabelecido pela 14ª Circunscrição de Educação Ele-

mentar (rural) está perfeitamente ajustado nos moldes do sistema preconizado, tambem, pela Escola de Viçosa, como parte essencial dos programmas primarios rurais.

A convite da direção da Escola Superior de Viçosa, convite esse que muito nos honrou, fizemos na noite de 15 de Janeiro, uma palestra sobre: "O professor rural, seu aperfeiçoamento e a atuação construtora em beneficio da comunidade".

Sobre assuntos de «Economia e finanças» — «ruralismo e sociabilidade» — «Bibliotecas» — «A educação e o cooperativismo», ouvimos interessantes palestras e conferencias.

Formaram-se, por isso, as nossas horas, nesse maravilhoso recanto mineiro, de indizível prazer intelectual, melhor sentindo a vida, cuja «finalidade é mais vida, harmonia, sinonimo de felicidade».

Viçosa impoz-se-nos á admiração porque nos fez sentir essa harmonia na pujança espiritual e no congraçamento intelectual que nos proporcionou na magestade verde de suas esperanças.

Excursões produtivas, como a que acabamos de realizar, devem fazer parte integrante dos programas das associações interessadas na cultura do professor.

Pudemos, durante a nossa permanencia em Viçosa, pôrmo-nos em contato mais intimo com colegas de outros Estados do Brasil e mesmo alguns educadores estrangeiros e isso, sem duvida, é sempre muito interessante, porque facilita a permuta de ideias, sempre fecundas, e estabelece o congraçamento dos espiritos, concorrendo, tambem, para a formação, em tempo mais breve, do desenvolvimento economico-social e educativo das novas gerações, através da escola, o que ha de consolidar, em futuro talvez não mui distante, a independencia economica de nossa terra.

A estadia na Escola Superior de Viçosa proporcionou-nos esse imenso bem; além de tudo, deixou-nos a impressão inapagavel do que realmente é: uma escola padrão. Localizada a 1km.500 do centro commercial; em magnifica área, cercada de montes cultivados e de matas ainda virgens, dotada de extenso e profundo manancial, cortada pelo correjo Paraizo; provida de uma piscina que atinge a 8 metros de profundidade; com energia electrica para o seu grande consumo de luz e força; pos-

suindo edificações sóbrias e portentosas, como sejam: o edificio principal — onde funcionam as classes, os laboratorios, as bibliotecas, a sessão de publicidade, o gabinete fotografico, os gabinetes medico e dentario, museu, classes primarias para adultos e para crianças; administração; salão nobre; sala para projeções, para exposição permanente de produtos, etc.; dos apartamentos, em outro edificio, onde se acham instalados os dormitórios amplos, bem ventilados, em dois pavimentos; do porão habitavel onde ficam as instalações da copa e da cozinha, lavanderia, cooperativa, salas para aprendizagem de artes domesticas e um vastissimo refeitório, para 400 alunos ou mais—a Escola de Viçosa impõe-se ainda pela distribuição do trabalho bem orientado e pela sua finalidade altamente educativa.

Divide-se a escola num regime de externato, semi-internato e internato, com os seguintes cursos: especializado, superior, medio e fundamental, cuidando tambem da instrução primaria de menores e adultos, mantendo anexado á primeira, um jardim de infancia para os filhos dos operarios e demais auxiliares do serviço.

Repito as palavras seguintes do Dr. Belo Lisbôa, por julga-las oportunas: «Precisamos de gerações praticas que se atirem á luta, em auxilio das populações prejudicadas pela falta de saúde e instrução, cujos membros, só com muito boa vontade, pôdem usar o titulo de civilizados, pois, não sei como se é civilizado de pés descalços, maltrapilho, analfabeto e sem conhecer, nem sequer, uma arte, para sustento digno.

Que estendamos a nossa mão, a nossa mente e o nosso coração á boa gente do campo que sofre e morre abandonada!»

O que mais nos encantou, na Escola Superior de Agricultura e Veterinaria de Viçosa foi o cuidado com que foram organizados os seus pontos basicos, que se firmam no regime da hora certa, na pratica dos bons costumes, no tratamento da saúde e defesa da vida; no espirito de trabalho, no ambiente de harmonia, ideal de coletividade, principios de cooperação, respeito á autoridade, disciplina, baseada na

responsabilidade pessoal dos educandos, no afastamento de privilegios, no espirito de iniciativa, que é fomentado considerando-se o aluno como elemento produtivo.

«E, de outra forma», escreve o Dr. Belo Lisbôa—«não se poderia compreender a nossa escola, considerando-se quanto é absurdo melhorarem-se plantas e animais e não se dar ao homem o melhoramento que lhe proporciona a educação!»

Ajuntaremos ás expressões reais do Dr. Belo Lisbôa, o nosso pensamento de que, para bem firmar o conceito social da escola nova, pela educação, teremos, os educadores rurais, principalmente, de nos especializarmos nas disciplinas correlatas ao meio, orientando em harmonia com os interesses da vida, articulando-a ao lar e á comunidade e impondo-a, ao mesmo tempo por uma ação marcadamente util e renovadora.

E é operando nesse sentido da formação dos valores conscientes, que quebraremos a rotina elevando o nivel medio da cultura do povo, que se abrirá o caminho da prosperidade e do bem estar, a que todos aspiram».

Os ensinamentos de ordem moral que colhemos na Escola Superior de Agricultura e Veterinaria de Viçosa, a obra social que esse estabelecimento mineiro de larga projeção nacional, vem realizando desde 1922, onde atualmente 340 moços fazem a sua formação integral, constituem, sem duvida, um estimulo para que prosigamos no desejo de melhorar o nosso «interland», cuidando com mais carinho do cultivo da ciencia e artes agricolas.

Tenhamos confiança nos frutos beneficos da educação e velvamos para o homem do campo, que manteve, sózinho e a seu modo, a sua civilização, o nosso cuidado e a nossa assistencia continuas seguindo o exemplo salutar da Escola de Viçosa, de «ser firme no ideal de servir á agricultura, ensinando a melhor produção, a preço de menor custo, e dando esforço maximo ao aperfeiçoamento do homem.»

Só assim firmaremos a independencia e a grandeza do Brasil!

Fevereiro de 1936.

## Casa do Professor

Está publicado, no «Jornal do Brasil» de 27 de Fevereiro, minucioso balanço do resultado da «Festa da Primavera», realizada em Setembro do anno proximo passado, em beneficio das Caixas Escolares, da Assistencia Alimentar», da «Casa do Professor». Assigna-o a illustre superintendente de Educação D. Felicidade de Moura Castro thosoureira da Comissão Central, que organizou a importante festa.

A 166:938\$000 attingiu a renda, cabendo á «Casa do Professor» a elevada somma de 77:307\$700.

Para esse esplendido resultado concorreu com seu habitual zelo o professorado municipal, ao qual não se podem jamais tecer louvores que sejam sufficientes.

Adicionada a importancia, agora obtida, á que se conseguiu com a festa de 1931, e ao generoso donativo de Paulo Azevedo, já possui a Casa do Professor, em deposito, mais de cento e vinte contos de réis.

Estamos certos de que a Associação dos Professores Primarios, que teve a iniciativa de promover — tanto o festival de 1931, como o de agora, empenhará os maiores esforços para, ainda este anno, congregando todo o magisterio municipal, pôr em execução a formosa idéa, que constitue, sem duvida, o ponto culminante de seu bello programma de servir ao ensino e de servir ao mestre.

## O Inquerito Educacional

(Continuação do numero anterior)

### CAPITULO V

#### Da educação extra-escolar

140—As actividades relativas á educação extra-escolar concernem sómente á diffusão de conhecimentos ou têm ainda por objectivo o progresso e o aprimoramento da cultura intellectual em geral?

105—Por que meios deve ser feita a educação extra-escolar?

106—Como instituir, organizar, administrar os órgãos destinados á educação extra-escolar?

107—Entre as instituições extra-escolar, devem ser consideradas as missões culturais, destinadas a levar áquelles pontos do territorio do paiz, onde falte a educação escolar, ensinamentos de civismo, de hygiene, de artes industriaes, etc.?

108—Devem os órgãos destinados á educação extra-escolar fazer parte dos sistemas

educativos, a que se referem os arts. 151 e 156 da Constituição?

### TITULO III

#### Da administração da educação

### CAPITULO I

#### Da administração federal

109—Como deve ser constituído o systema educativo da União? Deve a União manter e dirigir sómente os serviços de educação que se revistam de significação accentuadamente nacional? Ou deve ainda manter e dirigir serviços educativos destinados a satisfazer necessidades locais?

110—O systema educativo da União deve ficar integralmente sob a direcção de um só Ministerio?

111—Como se caracteriza a deficiencia de iniciativa ou de recursos, a que se refere o art. 150, letra e, da Constituição?

112—Em que deve consistir a acção suppletiva da União, em materia de educação (Constituição, art. 150, letra e)? Na realização directa de serviços ou sómente na concessão do auxilio e da subvenção federaes, respectivamente aos Estados e ao Districto Federal, e aos particulares?

113—Como deve a União coordenar e fiscalizar a execução do plano nacional de educação, em todo o territorio do paiz (Constituição, art. 150, letra a)?

114—Por que processo deve a União fiscalizar os estabelecimentos de ensino secundario e superior (Constituição, art. 150, letra b)? A fiscalização da União se exercerá sobre outros estabelecimentos de ensino? A enumeração constante do art. 150, letra b, da Constituição é taxativa ou exemplificativa?

115—Que é o Conselho Nacional de Educação? Que attribuições deve ter: simplesmente consultivas ou tambem deliberativas? Deve o Conselho Nacional de Educação decidir sobre assumptos meramente technicos ou tambem administrativos?

116—Como deve ser organizado o Conselho Nacional de Educação: de representantes das varias actividades sociaes, de representantes dos diversos ramos e grãos do ensino, ou de pessoas entendidas nos varios assumptos de educação? De quantos membros se deve compôr o Conselho Nacional de Educação? Por quanto tempo devem ser nomeados?

117—Como deve funcionar o Conselho Nacional de Educação?

### CAPITULO II

#### Da administração estadual e municipal

118—Que é um systema educativo estadual? De que modo deve ser constituído?

119—Haverá systemas educativos municipaes? Ou as instituições educativas dos Municipios entrarão na composição dos systemas educativos dos Estados a que elles pertencem? Como deve ser feita a administração das instituições educativas municipaes?

120—Que se deve entender por departamentos autonomos de administração do ensino (Constituição, art. 152, paragrapho unico)? Como devem ser organizados estes departamentos?

121—Devem os departamentos estaduais de educação ter a direcção de todas as instituições educativas estaduais? Ou haverá instituições educativas que devam ficar sob a direcção de outros órgãos da administração estadual?

122—Como devem ser organizados os conselhos estaduais de educação? Como devem funcionar?

### CAPITULO III

#### Da administração particular

123—Em que medida deve ser permitido no Brasil, o ensino livre de todos os grãos e ramos?

124—Que exigencias devem a União e os Estados estabelecer, para que os estabelecimentos particulares de ensino, dos varios grãos e ramos, possam ser instituidos (Constituição, art. 150, paragrapho unico, letra c)?

125—Deve o plano nacional de educação estabelecer, entre as condições exigidas para o reconhecimento official dos estabelecimentos particulares de ensino, a obrigação de manterem, com regularidade, cursos de extensão, inteiramente gratuitos, para educação popular?

126—Condições especiaes devem ser estabelecidas para que possam funcionar estabelecimentos particulares de ensino, mantidos ou dirigidos por estrangeiros? Quaes serão ellas?

127—Como se articularão as instituições educativas, escolares e extra-escolares, mantidas pelos particulares, com os systemas educativos, a que se referem os arts. 151 e 165 da Constituição?

### TITULO IV

#### Do pessoal dos serviços de educação

### CAPITULO I

#### Da classificação e padronização dos cargos

128—Como classificar o pessoal dos serviços de educação? E' conveniente padronizar em todo o paiz, os cargos dos serviços de educação? Como deve ser feita esta padro-

nização? Qual deve ser o quadro completo dos cargos?

### CAPITULO II

#### Da preparação do pessoal

129—Como deve ser feita a preparação do professorado primario? Devem haver para a preparação do professorado primario cursos dos tres grãos: elementar, médio e superior? Deve haver, em cada grão, mais de um typo de curso? Qual a duração dos cursos de cada grão e de cada typo?

130—Devem os cursos de preparação do professorado primario ser inteiramente especializados, de modo que delles se excluam todas as materias do ensino commum? No caso affirmativo, que preparo propedeutico deve ser exigido para a matricula nos cursos dos varios grãos e typos? Como deve ser feito este preparo? No caso negativo, como devem ser organizados os cursos de cada grão ou typo?

131—Convem articular os estudos propedeuticos para os cursos especializados de formação do professorado primario com os estudos dos cursos secundarios? Como fazer esta articulação?

132—Deve haver professores primarios especializados em educação physica, em desenho, em musica, em trabalhos manuaes? Como organizar os cursos destinados a esta preparação especializada? No caso affirmativo, em que curso deve ser feita esta preparação? Quaes os criterios para a selecção dos candidatos a tal curso?

134—Devem os diplomas conferidos pelos cursos de preparação de professores primarios dar direito ao exercicio do magisterio em todo o territorio do paiz? Que condições devem ser exigidas para isto?

135—Como deve ser resolvido o problema da preparação do professorado do ensino secundario? Que cursos devem ser estabelecidos para este objectivo? Como devem ser organizados?

136—Como deve ser feita a preparação do professorado do ensino especializado elementar e médio, nos seus varios ramos: industrial, agronomico, commercial, de bellas artes, etc.? Deve haver cursos especiaes para esta preparação? Como organizal-os?

137—Como preparar o professorado do ensino superior, nos seus varios ramos?

138—Os professores do ensino emendativo precisam de uma preparação especial? Que especies de cursos a isto devem ser destinados? Quaes os seus grãos? Como devem ser estes cursos organizados?

O pessoal destinado á administração e á assistencia technica dos serviços de educação.

deve receber uma preparação especial? Que especies de cursos serão a isto necessarios? De que grãos serão elles? Como organizal-os?

### CAPITULO III

#### Do recrutamento e dos direitos do pessoal

140—Quaes são os cargos do magisterio official, a que se refere o art. 158 da Constituição?

141—Que concurso de titulos e que concurso de provas devem ser exigidas para o provimento das varias especies de cargos do magisterio official, em todo o territorio do paiz? Como devem taes concursos ser processados?

142—Que sentido tem a expressão *professores de nomeada*, usada no § 1.º do art. 158 da Constituição? Em que circumstancias taes professores podem ser contratados para os estabelecimentos officiaes de ensino?

143—Como deve ser feito o provimento dos cargos do magisterio não official? (Que preceitos devem, a este respeito, ser obrigatorios nos estabelecimentos particulares de ensino de todos os grãos e ramos?)

144—Como devem ser recrutados os funcionarios administrativos e technicos (salvo os do magisterio), nos estabelecimentos de educação, quer officiaes, quer particulares?

145—Que preceitos devem ser estabelecidos quanto á licença, falta, substituição, remoção e disponibilidade de todo o pessoal dos serviços de educação, officiaes e particulares?

146—Como deve ser remunerado o pessoal dos serviços de educação, officiaes e particulares? Que remuneração condigna devem os estabelecimentos particulares de ensino, dos varios grãos e ramos, assegurar aos seus professores (Constituição, art. 150, paragrapho unico, letra f)?

147—Como entender a inamovibilidade dos professores dos institutos officiaes de ensino (Constituição, art. 158, § 2.º)?

148—Como interpretar a expressão *em que se mostre habilitado*, empregada na Constituição, art. 158, § 2.º? Qual o processo para se verificar esta habilitação?

149—Como será assegurada pelos estabelecimentos particulares de ensino a estabilidade de seus professores e que criterios devem ser fixados para se poder verificar que taes professores deixam de bem servir (Constituição, art. 150, paragrapho unico, letra f)?

### TITULO V

#### Do regimen escolar

150—Que normas fundamentaes sobre o regimen escolar devem ser consignadas no plano nacional de educação?

151—Quaes as regalias e os deveres dos do-

centes, dos alumnos e dos funcionarios administrativos dos estabelecimentos de ensino? Que penas disciplinares devem ser estabelecidas para as infracções por elles commettidas?

152—Como deve ser entendida a limitação de matricula, de que trata o art. 150, paragrapho unico, letra e, da Constituição? Como realizar a selecção dos candidatos á matricula em cada especie de curso?

153—Como regular a obrigatoriedade da frequencia dos alumnos nos cursos dos varios grãos e ramos? Que frequencia minima deve ser exigida dos alumnos dos cursos secundarios e médios e dos cursos superiores? Como assegurar a assiduidade dos docentes dos estabelecimentos de ensino, officiaes e particulares?

154—Que provas escolares de habilitação devem ser estabelecidas para as varias especies de cursos? Que normas fundamentaes devem regular-as? Como obter a exactidão e a probidade nos exames? Que sancções devem ser estabelecidas contra a fraude?

155—Qual a duração do anno lectivo nas varias especies de curso? Como dividil-os em periodos? Qual o regimen de férias? Este regimen deve ser o mesmo em todas as regiões do paiz?

156—Como devem ser feitos os programmas de ensino para os cursos dos varios grãos e ramos? Que criterios devem presidir a sua elaboração? Convém estabelecer, nos programmas de ensino, uma parte minima, cuja execução seja absolutamente obrigatoria, de modo que, sem ella, não possam os alumnos ser promovidos nem terminar os cursos?

157—Que commemorações e actos civicos devem ser obrigatorios nas escolas de todos os grãos e ramos?

158—Quaes os objectivos das viagens de estudantes? Em que casos e sob que condições devem ser realizadas? Como devem ser financiadas?

159—Deve ser instituido o uso da caderneta escolar, que acompanhe o alumno desde a escola primaria até o final de seus estudos?

### TITULO VI

#### Das edificações escolares

160—Deve o plano nacional de educação tratar da edificação escolar, fixando-lhe as normas technicas, higienicas, pedagogicas e outras? No caso affirmativo, quaes devem ser estas normas? Como devem ser construidas escolas para os varios ramos e grãos do ensino, nas cidades e nas zonas ruraes?

161—Que preceitos devem ser estabelecidos relativamente á reserva de áreas, nas cidades e nas demais povoações, para os edificios escolares?

162—Devem ser reservadas, nas grandes cidades do paiz, áreas para as universidades?



Que é uma cidade universitaria? De que elementos se deve compôr? Como deve ser edificada? Que área minima deve ser reservada para uma cidade universitaria?

163—Conviria crear, em cada Estado, um serviço especial, para realizar estudos sobre o problema da edificação escolar? Como deveria ser organizado este serviço? Não conviria que a União organizasse um serviço nacional destinado ao estudo do mesmo assumpto, já para coordenação dos estudos realizados nos Estados que não podussem crear e manter um serviço especial?

164—Deve a União subordinar a concessão do auxilio federal aos Estados e da subvenção federal ás instituições particulares, para o ensino, á observancia das normas fundamentaes da edificação escolar fixadas no plano nacional de educação?

#### TITULO VII

##### *Do material escolar*

165—Convem que o plano nacional de educação fixe normas technicas e pedagogicas relativas ao material escolar? Que normas serão estas?

166—Como deve ser classificado o material escolar? É conveniente que o material escolar, para cada especie de escola, seja padronizado? Como padronizal-o?

167—Que medidas devem ser tomadas para estimular a bôa produção de material escolar? Como prover os estabelecimentos de ensino de bom material escolar?

#### TITULO VIII

##### *Da assistencia ao escolar*

168—Como deve ser considerado o problema da assistencia escolar?

169—A que especie de alumnos deve ser prestada a assistencia? Como interpretar a expressão constitucional *alumnos necessitados* (Constituição, art. 157, § 2.º)? A assistencia deve ser dada aos alumnos necessitados de todos os ramos e grãos do ensino? Em que medida? Em que condições?

170—Em que deve consistir a assistencia ao escolar? Como regular o fornecimento gratuito de material escolar? Que são as bolsas de estudo? Como regular a concessão das bolsas de estudo? Como regular a assistencia alimentar, dentaria e médica? Que significa a expressão *villegiaturas*, empregada na Constituição, art. 157, § 2.º? Como regular a concessão de auxilio para a realização de villegiaturas? A assistencia aos alumnos necessitados deve abranger fornecimento de vestuario e auxilio para transporte? Que outras modalidades de auxilio poderão ser dadas aos alumnos necessitados?

171—A quem compete prestar assistencia aos alumnos necessitados? Sómente á União, aos Estados e aos Municipios? Devem ser creadas instituições, de character particular, que se encarreguem desta assistencia? Como devem ser organizadas taes instituições? Como obterão ellas os seus recursos? Devem a União, os Estados e os Municipios subvencionar taes instituições? Em que medida? Em que condições?

172—A assistencia directa da União, dos Estados e dos Municipios aos alumnos necessitados deve ser dada sómente pelos órgãos de administração? Tambem os serviços officiaes de amparo á maternidade e á infancia (aos quaes a União, os Estados e os Municipios devem destinar um por cento das respectivas rendas tributarias, segundo determina a Constituição, art. 141) deverão prestar assistencia aos alumnos necessitados? Em que consistirá esta assistencia? A que alumnos se destinará? Como deve ser feita a cooperação dos órgãos de administração do ensino com os órgãos administrativos destinados ao amparo á maternidade e á infancia, afim de que tal assistencia se realize da maneira mais racional e proveitosa?

173—Que parte dos respectivos fundos de educação devem a União, os Estados e os Municipios applicar na assistencia, que directamente prestarem aos alumnos necessitados (Constituição, art. 157, § 2.º)?

#### TITULO IX

##### *Das associações auxiliares*

#### CAPITULO I

##### *Das associações destinadas a colaborar na educação*

174—Deve o plano nacional de educação consignar normas relativas á organização das associações destinadas a colaborar na educação, em serviços de propaganda, em estudos ou em outras quaesquer actividades? Quaes as variedades de taes instituições? Como devem ser constituídas, para merecer o reconhecimento e os favores officiaes? Como a União, os Estados, e os Municipios poderão favorecer e animar o desenvolvimento destas instituições?

#### CAPITULO II

##### *Das associações de alumnos*

175—Deve o plano nacional de educação traçar normas relativas á organização das associações de alumnos, mantidas dentro das escolas para fins educativos? Que actividades devem exercer estas instituições? Devem limitar-se ás actividades de character curricular, ou estender-se ás demais actividades educa-

tivas extra-curriculares? Quaes os typos de taes instituições, em cada um dos grãos do ensino? Como devem ser constituídas? Quaes as relações que devem manter com a administração das escolas? Devem incluir-se neste genero de associações as cooperativas de consumo e as caixas escolares? Que regalias serão concedidas a taes associações, nos diferentes grãos de ensino?

#### CAPITULO III

##### *Das associações de professores*

176—Deve o plano nacional de educação traçar normas relativas á organização das associações de professores? Para que fins devem taes associações ser instituídas? Quaes as suas modalidades?

#### TITULO X

##### *Do ensino religioso*

177—Que é o ensino religioso? Quaes as suas finalidades? Como deve ser considerado o problema do ensino religioso no Brasil?

178—Como definir a expressão *confissão religiosa*, empregada no art. 153 da Constituição?

179—Como deve ser ministrado o ensino religioso? Por que professores? Haverá programmas para o ensino religioso? Em que limite de tempo deve ser ministrado o ensino religioso nas escolas publicas primarias, secundarias, profissionaes e normaes?

180—Quaes são as escolas profissionaes, a que se refere o art. 153, da Constituição? Quaes as suas variedades e os seus grãos?

181—As escolas normaes, a que se refere o art. 153 da Constituição, são sómente as destinadas ao preparo do professorado primario? Ou em tal expressão se incluem outras modalidades de estabelecimentos de ensino?

#### TITULO XI

##### *Dos recursos financeiros*

#### CAPITULO I

##### *Da origem dos recursos financeiros*

182—Na constituição dos fundos de educação da União, dos Estados, do Districto Federal e dos Municipios, devem entrar as percentagens, a que se refere o art. 156 da Constituição?

183—Que parte de seus patrimonios territoriaes devem reservar a União, os Estados e o Districto Federal, para a formação dos respectivos fundos de educação (Constituição, art. 157)?

184—Como devem ser apuradas as sobras das dotações orçamentarias destinadas aos fundos de educação (Constituição, art. 157, § 1.º)?

Que preceitos devem ser estabelecidos, com relação ás doações destinadas aos fundos de educação (Constituição, art. 157, § 1.º)? Que percentagens devem ser cobradas sobre o producto de vendas de terras publicas, para os fundos de educação (Constituição, art. 157, § 1.º)? Que taxas especiaes, na União, nos Estados e nos Municipios, devem ser creadas, para entrar na constituição dos fundos (Constituição, art. 157, § 1.º)? Que outros recursos financeiros poderão entrar na constituição dos fundos de educação?

#### CAPITULO II

##### *Da applicação dos recursos financeiros*

185—Como devem a União, os Estados, o Districto Federal e os Municipios applicar os recursos financeiros destinados á educação? Qual a latitude da expressão *systemas educativos*, empregada no art. 156 da Constituição?

186—A quem cabe manter o ensino primario e o ensino pre-primario? Sómente aos Estados? Devem os Municipios organizar e dirigir escolas primarias e pre-primarias ou apenas colaborar financeiramente com os Estados, para que estes as organizem e dirijam? Que recursos deverão ser destinados á manutenção dos varios typos de escola primaria e pre-primaria?

187—A quem cabe manter o ensino secundario? Que recursos deverão ser destinados á manutenção do ensino secundario?

188—A quem cabe manter o ensino especializado elementar? Que recursos deverão ser destinados á manutenção das varias especies de escolas especializadas elementares?

189—A quem cabe manter o ensino especializado médio? Que recursos lhe devem ser destinados?

190—A quem cabe manter o ensino superior? Que recursos lhe devem ser destinados?

#### TITULO XII

##### *Questões diversas*

191—Como definir as bellas artes? Como classificar-as?

192—Em que proporção e de que maneira devem as bellas artes ser ensinadas nos cursos de ensino commum, pre-primario, primario e secundario?

193—Que normas deve conter o plano nacional de educação sobre educação physica? Em que medida e de que modo deve a educação physica ser ministrada nas escolas pre-primarias, primarias e elementares, secundarias e médias, e superiores?

194—Como devem ser preparados os professores e demais especialistas de educação physica?

195—Que medidas deve tomar a União pa-

ra favorecer, animar e coordenar a educação physica, escolar e extra-escolar, em todo o paiz?

196—Que se deve entender por educação eugénica (Constituição, art. 138, letra b)? Em que cursos e de que modo deve ser ministrada?

197—Como deve ser ministrada a educação sanitaria nos cursos dos varios grãos e ramos?

198—Como deve ser ministrada a educação moral e civica em todas as escolas do paiz?

199—Que é o cinema educativo? Como deve ser utilizado? Que devem fazer os poderes publicos para favorecer e animar o desenvolvimento do cinema educativo?

200—Como devem ser feitas a censura cinematographica e a censura theatral? Que criterios devem orientar os censores? Como se constituirão as commissões de censura?

201—Como deve ser a radiophonia aproveitada pela educação?

202—Que devem fazer a União, os Estados e os Municipios para proteger os objectos de interesse historico e o patrimonio artistico do paiz (Constituição, art. 148)?

203—Como a União, os Estados e os Municipios prestarão assistencia ao trabalhador intellectual (Constituição, art. 148)?

204—Que medidas devem ser tomadas para que se verifique a tendencia á gratuidade do ensino educativo ulterior ao primario (Constituição, art. 150, paragrapho unico, letra b)?

205—De que modo as empresas industriaes e agricolas, fóra dos centros escolares, e onde trabalhem mais de cinquenta pessoas, perfazendo estas e os seus filhos, pelo menos dez analfabetos, satisfarão a obrigação de proporcionar a estes ensino primario gratuito (Constituição, art. 139)? Como verificação os

COLLECÇÃO DO ANNO 1935—36

## d'a Escola Primaria

Forma um volume de perto de 300 paginas. Conferencias pedagogicas. Artigos doutrinarios. Interessantes trabalhos sobre a Escola Activa. Lições e exercicios praticos que constituem excellente guia para o professor.

**PREÇO** } encadernada :..... 16\$000  
 } em avulsos ..... 12\$000

Dirigir os pedidos á Redacção

d'A "ESCOLA PRIMARIA"

Rua 7 de Setembro, 174

RIO DE JANEIRO

## Língua Materna

Que é que significa o termo garage e qual é sua etimologia?

Figueiredo dá o seguinte: «Garage, f. Gal. Armazém ou casa, para recolher automóveis... T. fr.».

O francês garage é derivado de *garer*, outro forma de *guerir* ou do velho francês *garir*, defender, proteger, guardar, amparar, preservar e substituiu, em quase toda a França, o latim *medicare*.

Da mesma raiz é o termo *gare*, hoje muito usado e dêste modo definido em Figueiredo: «Gare, f. Neol. Parte das estações de caminhos de ferro, onde embarcam e desembarcam passageiros e mercadorias. E' preferivel (embarcadouro ou cais. (Fr. *gare*, do alt. al. *waron*)». *Garer*, francês, provém do frâncico *warron*, cf. o alemão *wahren*, cuidar, ter cuidado. Com relação à estrada de ferro diz-se *gare*, embarcadouro, plataforma. Relativamente a navios usa-se cais.

O sr. Antenor Nascentes, em seu «Dicionário etimológico», dá o termo *gare* e filia *garage* no grego de igual forma. Transcrevo o texto do etimologista compatriço: «Garage — Do gr. *garage*».

Não achei tal palavra nos dicionários de grego que possuo e nenhum de meus vocabulários consigna tal étimo, que se me afigura inaceitável.

Meyer Lubck omite o termo. Darmsteter, Bloch e Cledat trazem, mais ou menos, o que deixei resumido acima.

Haverá, no velho grego, o termo *garage*, étimo do moderno, ou será isso invenção do ex-professor de castelhana do imperial colégio de Pedro 2.º, fruto de sua cultura helênica?

O grego moderno tem a forma *garage*, da mesma origem que a nossa, isto é, de origem francesa.

Figueiredo escreve: «Garage, no francês, tem cutras e diversas applicações: em náutica, é arte de meter as embarcações num abrigo ou *gare*; em caminhos de ferro, é o acto de por em abrigo ou em reserva os vagões de serviço. Modernamente, dão o mesmo nome ao lugar coberto, onde se guardam ou se expõem à venda os automóveis, e é só nesta acepção que o termo se emprega entre nós, creio eu».

Também aqui, penso eu, não se usa a palavra neutro sentido.

Figueiredo sugere alguns nomes portuguezes sucedâneos, já desnecessários, uma vez que é quasi impossível banir-se *garage*. Lembra depósito, retém... E' o último de uso na linguagem de Química, no lugar de substância sólida que é retida no filtro, ou que pôde ser retida. De um manual de «Química analítica» transcrevo estas linhas, onde se vê a palavra

retém: «...em vez de filtração, talvez fôsse melhor dizer-se recolhimento do precipitado ou do retém» (Pág. n. 21. Ed. 3.ª). Registrou-se o termo retém, pela 1.ª vez, na 4.ª edição do Moraes, nestas palavras: «Retém, s. m. O sobressalente, que está de reserva para algum serviço na Milícia: «Sargento de retém», t. usado».

Na 5.ª edição já se amplia o sentido. Repete pela a que está na 4.ª e acrescenta: «Armazém de retém; onde se recolhem as fazendas sobressalentes».

Os dicionários modernos, ex. gr. o de Figueiredo, dão os velhos significados e acrescentam outros, como o de resto, o que fica. Citamos o dicionário de Moraes. A 1.ª edição que trás o vocábulo, ficou dito, é (a 4.ª, de publicação póstuma. Foi o termo, de certo, colhido por nosso compatriço, visto que deixou êle pronta para o prelo a 4.ª ed. Antes de trocar de assunto, lembremos que o nome do vocabularista brasileiro é Antônio de Moraes Silva e não Antônio da Silva Moraes, como está no Dicionário do sr. A. Nascentes, na pág. n. XLIII. Também é o Moraes dado, quando, como Antônio Moraes e Silva, nome êsse errado, que se vê, diversas vezes, nas obras de Figueiredo. Há, em nossa cidade, uma rua dita «Moraes e Silva», creio que em homenagem ao grande fluminense, que tomou parte na revolução de 1817, em Pernambuco.

\*\*\*

Que é que significa a palavra *derrapar*? E' moderna, em nossa língua, mais francesa que portuguesa, e seu uso se vulgarizou com o dos automóveis, de uns 25 anos para cá.

De nossos dicionários, creio que o primeiro em registá-lo foi o do sr. Nascentes, nestes termos: «Derrapar — Do fr. *déraper*, escorregando de lado, desligar-se do solo».

Onde teria o catedrático apanhado essa estapafúrdia definição? Onde viu que o verbo francês *déraper* signifique «escorregando de lado»? Terá sentido, no caso, a expressão escorregando de lado? Parece que, para o professor do Pedro 2.º, uma vez por outra, o automóvel vira aeroplano e desliga-se do solo.

No desrape há rolamento e escorregamento. Haveria coisa a que talvez podesse chamar-se «escorregamento de lado» se, em certo instante, cessasse o rolar e o carro escorregasse, em sentido perpendicular ao eixo da estrada.

Em francês é o verbo *déraper* de uso antigo, na linguagem náutica, e dêle se servem os marujos para designar o acto da âncora deslisar-se forçadamente como que se agarrando na terra, ao ser arrancada.

O francês tem *déraper* e *desraper*. Originam-se êsses termos, que deram o nosso *derrapar*, do provençal moderno *derrapar*, que,

por sua vez, se formou do velho provençal *rapar*, agarrar. Rapar, no sentido que agora nos interessa, provém do germânico ocidental *hrapon*, agarrar, tirar violentamente. Em sentido correspondente tem o alemão *raffen*, o italiano *arrappare* e o inglês *to rap*.

Está no Dicionário de Darmsteter, anterior ao uso dos automóveis:

«Deraper... Etim. Emprestado do prov. mod. derapar. A palavra provençal se aproxima, como o italiano *arrappare*, o espanhol *rapar*, etc., ao radical do baixo alemão *rapp*, agarrar...»

Acho censurável que o catedrático de português, sem esclarecimento e sem nenhum protesto, registre formas estrangeiras, como *derapage*. Parece-me, devia tentar a introdução de expressões portuguesas ou, pelo menos, apertuguesadas — raspão, raspagem, desrape... São de um professor da Faculdade de Medicina as seguintes palavras, a respeito do termo em aprêço:

«Déravage» ou desrape, ou raspagem, ou raspão, é o escorregamento ou deslizeamento improvisado entre duas superfícies lisas, sem atrito, como acontece entre o solo bitumado e molhado, e a roda lisa ou alisada, pelo uso dos pneumáticos de automóvel. Como se sabe, é a aderência, atrito infinitesimal da roda metálica sobre o trilho metálico que, dada a impulsão motriz da máquina, faz andar o trem de ferro. Se o trilho está molhado, pode o trem «patinhar», isto é, não andar, pois não se faz aderência, e a marcha, no trilho, é impossível. Se isso se desse nos declives de serra o trem, pela gravidade, desceria de mais: donde o dispositivo de lançar areia ás rodas e trilhos, que darão essa aderência. Nos automóveis isto não é possível, ou ainda não foi tentado. Para prevenção não se alisam muito as estradas, ora de cimento, muito menos deslisante, e as rodas têm anfractuosidades, que produzem o mesmo efeito. Com a velocidade que leva o carro, «a» *déravage* (devia ser «o», pois que as palavras assim, em francês, fóra contadas exceções, são masculinas...), mudando à direção, leva ao desastre

Portanto, o «desrape», traduziria eu, é o deslizeamento ou o escorregamento das carruagens, produzido pela falta de aderência ou atrito entre o bitume molhado da estrada e roda pneumática gastada pelo uso e também húmida e lisa».

—Também *decolar* é má tradução do francês e o catedrático de nossa língua havia de ter aconselhado melhor expressão. Está em seu já famoso «Dicionário»:

«Decolar — Do fr. *décoller*, descolar, despegar-se da terra ou no mar (aeroplano, hidroplano)».

Despegar-se no mar? Talvez quizesse dizer «despegar-se do solo ou da superfície de águas». Está imprecisa e errada, como de costume, a

noção subministrada pelo bicedrático do imperial colégio. É lamentável que o professor de português do nosso ginásio padrão erre até no emprêgo de preposições.

Na falta de melhor termo, pode usar-se *descolar*. Pode alegar-se contra êle o não estar o aeroplano *colado*. Mas o *décoler*, francês responde literalmente, a *descolar*. Provém de *coller* e êsse de *colle*, do latim popular *colla*, de sentido igual ao de nosso termo da mesma forma. Tem o francês várias palavras da raiz: *décoller*, *décollement*, *collage*, *encollage*...

\*\*\*

Existe na lingua o termo *pneumático*, de sentidos vários, uns antigos outros modernos. Pneuma, atos, em grego, é sopro, vento, daí tubo pneumático, máquina pneumática. Pneumon é pulmão, donde pneumonite, pneumococo, pneumoconiose, pneumatocele, pneumatose... Pneuma também é espírito — pneumatologia, pneumatofonia...

Pneumático, hoje, como substantivo, é muito empregado, em vez de aro de borracha, ôco e cheio de ar, para revestimento de rodas de veículos, invenção de um mecânico inglês chamado Dunlop. Nos carros muito grandes, nos *caminhões*, costuma o aro ser massiço, porém ainda assim é chamado pneumático. Para os pequeninos, como para os grandes, é comum o uso da abreviatura *pneu*. O estudante do Colégio de Pedro 2.º que deseje ter ideia do que seja *pneu* e pneumático e recorra ao sr. Nascentes ficará *in albis*. Não consigna o Dicionário *pneu* e dá, de pneumático esta noção mal exposta, imprecisa e oósoleta: «Pneumático — gr. *pneumatikos*, relativo ao sopro, ao vento, pelo lat. *pneumático*».

—Na linguagem de automobilismo usa-se o termo *manicula*, como outro nome de manivela. O sr. Nascentes dá de *manícula* esta noção, mais do que muito insuficiente: «Manicula — Do lat. *manícula*, mãozinha».

Tem o latim as formas *manícula*, *manicula* e *maníbula* como deminutivo de mão, e como punho, manga, colo. Não têm a atual *manícula* nada que lembra ua *mãozinha*, donde o ser imprecisa a ideia subministrada pelo catedrático do colégio de Pedro. Manivela, muito corrente hoje, provém do latim popular *manobella*, de *maníbula*. A ua manivela, para assim dizer composta, chama o mecânico francês *vilebrequin*. Esse termo provém do médio holandês *wimmelkijn*, nome sob o qual se designam instrumentos ditos em português *verruma*, *broca*, *trépano*. Tem o inglês a forma *wimble*. Usou o francês *wibrekin* e hoje se incorporou no francês *vilebrequin*. O mecânico francês do povo, pensa no verbo *virar*, e diz *virebrequen*; entre os nossos muita vez tenho ouvido dizer-se *virabrequin*. Aqui, ao trado, à *verruma*, etc., niguém chama *vilebrequin*, mas a palavra sob a forma transcrita,

que é francesa, é usada, em linguagem de máquinas, de motores, no sentido de peça formada por um arco-de-pua de trado, também chamada *cabo-manivela*, e *colo de manivela*. Creio que não há expressão nossa, sintética, correspondente á francesa e não será útil criação de outro neologismo para traduzi-la. Pode ficar-se com o *vilebrequin*, pronunciando-se como se escreve e não *vilebrequen*, como ouvi numa aula de mecânica aplicada; ainda pode dizer-se, como é relativamente usual na linguagem de nossos motoristas, *cabo-manivela* ou *cabo de manivela*.

Pedro A. Pinto.

## Trecho de Relatorio

De uma Directora de Escola

1.º Semestre de 1935

As classes do 1.º e 2.º anos e 3 do 3.º ano foram entregues a um unico professor; as restantes em rodizio em salas ambiente foram, em cada turno, entregues a 1 professor de ciencias sociais, 1 de ciencias fisicas e naturais, 1 de desenho, 1 de musica e 4 de Linguagem e matematica, encarregando-se cada qual destes ultimos de duas turmas.

Dispõe ainda esse pelotão de turmas constituido de mais uma professora exercendo as funções de bibliotecaria do turno e de coordenadora dos trabalhos do grupo.

A especialização de materia fez cisão do ensino.

Reunidos semanalmente, os professores do grupo, combinaram assuntos e delinearum planos de trabalho, que a coordenadora articulou e orientou.

Dos planos realizados merece especial destaque, o da organização da horta da escola.

Todos os trabalhos foram realizados pelos alunos, desde a escolha do local.

Plantas e sementes foram fornecidas pelas proprias creanças.

Sentiram todas grande satisfação de poder auxiliar a Caixa Escolar contribuindo com o seu proprio trabalho para o «prato de sopa», que é gratuitamente distribuido todos os dias aos alunos mais pobres da escola.

O principio moral de benemerencia e o prazer de ver os frutos de seu esforço foram, sem duvida, os dois principais fatores que concorreram para que a «horta» rapidamente se desenvolvesse, estando já a produzir para consumo da escola.

O prazer que a criança encontra em trabalho, que se alie ao exercicio fisico espontaneo, faz que nossa horta permaneça bem cuidada porquanto disputam meninos e meninas o privilegio de escala para sua conservação.

No desempenho de atividades relativas a esse plano distinguiu-se a professora, .... uma das mais distintas auxiliares com que conto.

Buscando elemento, para a realização dos planos de trabalho, entregaram-se os alunos, sob a direção competente das professoras coordenadoras do grupo, a pesquisas na Biblioteca, sobre assuntos lançados na sala propria pelas professoras das varias disciplinas.

Nas classes dos 1.º ao 3.º anos o ensino correu ao sabor das preferencias de cada professora para a orientação dos trabalhos.

A sentencição livre foi aplicada ás 2 turmas de 1.º ano do 1.º turno constituídas de alunos inteiramente analfabetos, com ótimos resultados.

Para os repetentes reunidos em uma só turma, no 2.º turno, procedeu-se a um programa de revisão seguido o metodo fonico, e tive o prazer de verificar que a turma toda se acha presentemente capaz de ler, em qualquer livro.

Associações.

Seguiram normalmente sua vida as associações existentes. Biblioteca, Caixa Escolar, Clube de Saude, Cooperativa de consumo, União Agricola.

O Circulo de Paes e Professores passou a funcionar dentro do regimen normal da escola, em reuniões parceladas de paes por turmas, nas proprias horas em que se desenvolve a atividade escolar.

Estabeleceu-se, assim, maior convivio entre os paes e as professoras diretamente responsaveis pelas crianças.

Apelando para todos os paes remediados, pôde a Caixa Escolar fazer face a despesas vultosas, de fornecimento não só de uniformes como de material para gabinete dentario.

Para ambos, aliás, concorreu, tambem a Caixa Geral e generosamente.

Foram fornecidos uniformes completos e uma blusa sobresalente a alunos reconhecida-mente necessitados.

Para ter exercicio no gabinete dentario da escola foi designado logo no inicio do periodo letivo o profissional contratado.

Revesam-se os dois funcionarios em horarios desencontrados, prestando ás crianças dos dois turnos a mais desvelada assistencia.

O serviço da merenda mantem-se sem grande desequilibrio entre a receita e a despesa, recebendo da Caixa Seccional apenas 44\$000 de auxilio.

Foram fornecidas 2162 refeições inteiramente grátis, e 1340 remuneradas.

Todas as associações satisfizeram plenamente suas finalidades educativas.

Manifestam-se de dia para dia mais desenvolvidas as qualidades de iniciativa e cooperação em franco desenvolvimento entre a creançada.

O 14 de Abril, comemorando o dia das Americas, fez-se na escola a fundação do Clube Pan Americano, que recebeu mais tarde a denominação de.....

Largamente tratada essa idéa, nas aulas de ciências sociais do 1.º turno — pela professora cuja transferencia em 16 de Junho para zona rural — visando concluir meses de estagio que lhe faltavam para ter direito ao aumento bienal — tanto lastima a direção da escola, essa idéa, digo tive a mais franca aceitação da parte de todos os escolares e mestres.

Os estudos relativos a cada nação americana realizaram-se nas diversas salas, sob a competencia do professor especializado, obteve-se, do assunto copiosa documentação.

*Colaboração tecnica e administrativa dos funcionários.*

Poucos professores não satisfizeram a direção da escola, em toda a extensão dessa palavra.

Quasi todos extremaram-se no cumprimento do dever, conseguindo vencer, com resultados perfeitamente satisfatórios, a 1.ª fase do período escolar.

Cumpre, entretanto, destacar, pela dedicação extraordinária com que vêm exercendo suas atividades, além das professoras já mencionadas em outros pontos deste relatório, as Sras . . . . .

Pela dedicação extraordinária, pelo critério de seus julgamentos, pelo modo de tratar os corpos docentes e discentes e, sobretudo pela habilidade especial com que encaminham todos os problemas de técnica administrativa, têm, ambas, concorrido para a ordem e eficiência de todos os trabalhos.

Os professores designados pelas Superintendências — de musica, desenho e educação física têm dado á escola o melhor de seu esforço e de sua capacidade tecnica, perfeitamente integrados em todos os aspectos da atividade escolar.

Termino o presente relatório em que procurei, Sr. Superintendente dar-vos conhecimento das principais ocorrências do 1.º semestre, agradeço profundamente a consideração que me tendes dispensado.

Atenciosas saudações.

## Tres Palavrinhas

PRESAGIO ou PRESSAGIO—Em nosso artiguete publicado em *A Escola Primaria* de Outubro-Novembro de 1930 tratámos da palavra *presago*. Longe estávamos então de imaginar que cinco anos mais tarde, assistindo ao concurso de Latim no Colegio Pedro II, haveríamos de ouvir pronunciado clarissimamente por um dos candidatos *presá-gio*, em vez de *presságio*! Note-se bem que não se tratava de aluno, de principiante, ou de ignorante total. Era um professor, e não moço.

Força é confessar que, por mais tolerante que pretenda ser no julgamento do próximo, não pode o estudioso honesto deixar de pensar que ha de ser necessariamente bem pouco preparado quem na madureza da vida pronuncia erradamente palavra tão elementar. Faltou-lhe a escola sistemática; não se formou seu espirito metodicamente; toda a sua cultura foi feita sem articulação; os conhecimentos estão como empilhados, não sedimentados.

EFIALTO — Forma aportuguesada de *Efialtes*, que também se pode usar. É nome proprio grego. Cita-se principalmente o do traidor que conduziu os Persas no celebre desfileiro das Termópilas. Sua pronuncia é paroxitónica, de conformidade com a prosodia latina e grega. Estavam meus ouvidos já cansados de acusar, durante a vida inteira, essa prosodia, quando ha poucos dias os feriu um *efialto* (acento sobre o *i*), pronunciado não por qualquer parvo, mas por eminente professor, que é realmente culto em historia, mas a quem tentou dessa vez a «paixão do proparoxítono», tão contraditória exactamente entre os eruditos.

PAN—Esta palavrinha grega, que é a forma neutra do adjetivo que significa *todo*, *toda*, usa-se hoje correntemente como prefixo: *pan-europeu*, *pan-americano*, *pan-asiático*, *pan-russo*, etc.

A pronuncia da palavra, em si propria, não oferece duvida, mas quando se segue vogal devemos efetuar a *ligação*. Essa é a lição da experiencia, pois assim já se fizera no proprio grego, quando se formaram as palavras *panoplia*, *panégyrio*, etc. Si não diziam os gregos *pā-óplia*; si não dizemos nós

*pā-óplia*, *pā-egirico*, etc; si não pronunciamos *pā-orama* a palavra *panorama*, construída em época moderna com os radicais gregos *pan* e *horama* (verbo *horáo*), por que havemos de pronunciar *pā-americano*, *pā-europeu*, *pā-asiático*, *pā-africano*?—*Pā-namericano*, *pā-nasiático*, *pā-neuropeu* é que devemos dizer. Assim proferem em geral as pessoas cultas, salvo as que se viciaram sem o perceber. Ultimamente, com o desenvolvimento dos clubes e das solenidades de *pan-americanismo*, caindo a palavra na boca do povo menos culto, é frequente ouvir-se *pā-americano*, mas tal pronuncia deve ser coibida.

Mestre-Escola.

## Os programas minimos

*Senhores superintendentes de educação elementar; senhores diretores de escolas e senhores professores:*

No empenho de obter a melhor sistematização e eficiencia de ensino, nas escolas primarias, determinou a administração, ao Instituto de Pesquisas Educacionais, que coordenasse os trabalhos que se tornassem necessarios para a elaboração de um programa minimo de ensino. Providenciou este Instituto quanto aos trabalhos preliminares, os quais foram examinados e revistos por uma comissão, especialmente para isso designada, e composta dos Srs. Dr. Arthur Magioli, Superintendente Geral; D. Celina Padilha, Paulo Maranhão e J. C. da Costa Sena, Superintendentes de Educação Elementar; DD. Edite Montarros de Moura Costa e Alcina Tavares Guerra, diretoras de escola e D. Inacia Ferreira Guimarães, chefe da Secção de Programas do Instituto de Pesquisas.

Segundo o que decidiu a mesma comissão, vão publicados abaixo os ante-projetos dos Programas Minimos de Linguagem e Matematica, afim de que tomeis dèles conhecimentos, e possais enviar as vossas valiosas sugestões, para a ultimação do trabalho.

Essa contribuição, que será recebida até o dia 6 de Abril, segunda-feira, deverá ser encaminhada ao Sr. Superintendente Geral de Educação Elementar e Ensino Particular, presidente da comissão, para o Instituto de Pesquisas Educacionais, no Largo da Carioca n. 8, 8º andar.

Distrito Federal, 31 de Março de 1936.  
—Mario de Brito, Diretor.

### LINGUAGEM

#### Ante-projeto de Programa Minimo

*Nota Explicativa*—O programa minimo ora apresentado corresponde de modo geral, á materia dos programas oficiais de 1932, 1934 e 1935 julgada essencial. Contém apenas os itens ou topicos a serem desenvolvidos de acôrdo com a orientação apresentada naqueles programas. Para a orientação geral do ensino, vide programas oficiais publicados de 1932 a 1935.

Convém, entretanto, declarar que foram feitas ligeiras alterações, inclusive acrescimos, alguns dos quais considerados necessarios á articulação do curso primario com o secundario, e algumas novas indicações para a pratica do ensino.

#### PRIMEIRA PARTE

##### Leitura e Escrita

- dominio do aprendizado inicial da leitura e da escrita;
- compreensão de sentenças simples, impressas ou manuscritas, de acôrdo com o vocabulario das crianças.

#### Composição e Gramatica

##### Literatura

—Não houvera aulas especiais de gramatica: as noções serão dadas á medida que surgirem as oportunidades, isto é, durante as palestras, leituras, correções de exercicios orais e escritos, correções de linguagem, em geral.

As crianças deverão ser capazes de:

- dar informações orais, embora em sentenças muito simples, a respeito dos assuntos das outras materias;
- escrever, por ditado ou de côr, grande parte das palavras aprendidas durante o ano;
- organizar, por escrito, pequenas sentenças de acôrdo com o seu vocabulario e compreensão;
- transmitir pequenos recados muito simples;

- e) empregar ponto final e de interrogação;
- f) empregar letra maiuscula em principio de sentença e nos nomes próprios;
- g) reconhecer nomes de arvores, frutas, animais, etc., em correlação com Ciências Naturais;
- h) reconhecer nomes de objetos, nomes próprios em correlação com Ciências Sociais;
- i) distinguir letra maiuscula de minuscula, empregar letra maiuscula no principio da sentença e em nomes próprios;
- j) conhecer a sequencia das letras (alfabeto);
- k) empregar o ponto final e de interrogação;
- l) reconhecer expressões que indiquem: côr, fôrma, tamanho, etc., em relação com Matemática, Ciências Naturais e Sociais;
- m) saber verificar o numero de silabas de uma palavra;
- n) preocupar-se com a articulação clara e correta das palavras;
- o) ser capaz de reproduzir historias, dentre as contadas durante o ano;
- p) ter de memoria quadras ou pequenas poesias.

## SEGUNDA SERIE

## Leitura

- a) ler com facilidade e compreensão, os livros aconselhados para este gráu;
- b) começar a preocupar-se em dar expressão á leitura oral, para demonstrar a compreensão do assunto.

## Composição

- a) compôr oralmente ou por escrito, duas ou três sentenças ligadas pelo sentido, á vista de uma estampa ou a respeito de uma cena que a criança tenha presenciado;
- b) redigir, oralmente e por escrito, pequenos recados muito simples;
- c) empregar ponto final, de interrogação e de admiração;
- d) empregar letra maiuscula no inicio de sentença, nos nomes próprios de pessoas e de lugares;
- e) empregar corretamente o *m* antes de *b* e de *p*;
- f) usar a cedilha corretamente;
- g) vogais e consoantes.

## Gramatica

- a) nomes e qualidades, em correlação com as demais materias;
- b) emprego da letra maiuscula no inicio da sentença, nos nomes próprios de pessoas e lugares; emprego do ponto, ponto de interrogação e de admiração;
- c) genero e numero; noção, por observação, da regra geral de formação do plural e do feminino dos nomes e qualidades. Observação da concordancia dos adjetivos qualificativos com os nomes. Gráus dos substantivos.
- d) observação de sentenças simples em cuja composição entrem verbos ativos. Noção de palavras que exprimem ação. Distinção, nessas sentenças, dos nomes, qualidades e ações;
- e) substituição de palavras que indicam qualidades e ações por outras que têm significação contraria; por palavras que têm quasi a mesma significação—noção de antonimos e sinonimos;
- f) regras de ortografia—emprego do *M* antes de *b* e *p*; uso da cedilha;
- g) observação do numero de silabas das palavras, e da acentuação tónica;
- h) grupos vocalicos e consonantais.

## Literatura

- a) reprodução de três das historias narradas durante o ano;
- b) memorização de três quadras ou pequenas poesias;
- c) leitura, individualmente ou em grupos, de três dos livros da biblioteca da classe.

## TERCEIRA SERIE

## Leitura

- a) fazer leitura silenciosa, em trechos simples de leitura corrente, demonstrando compreensão;
- b) lêr, oralmente, á primeira vista, com expressão que demonstre a compreensão do trecho lido.

## Composição

- a) noções exigidas na 2a. serie;
- b) organizar quatro ou cinco frases bem construidas á vista de uma estampa, sobre episodios da vida da criança, a respeito

- dos assuntos estudados em outras disciplinas; bilhetes (tratamento de você ou senhor);
- c) emprego dos dois pontos no dialogo, emprego da virgula separando apostos;
- d) emprego do acento agudo e do circumflexo (acentuação tónica das palavras);
- e) divisão correta das palavras em silabas;
- f) uso do dicionario, para tirar duvidas de ortografia e de significação.

## Gramatica

- a) desenvolvimento das noções da segunda serie;
- b) emprego do K W e Y (relacionando com Matemática: Km, Kg, etc., e com Ciências Sociais—nomes estrangeiros);
- c) nomes que indicam coleções — coletivos mais usados na linguagem corrente (relacionando com Matemática, Ciências Sociais e Naturais);
- d) genero e numero dos nomes — casos que fogem á regra geral;
- e) observação e construção de sentenças com verbos ativos. Emprego, em sentença, dos tempos simples do Indicativo, de verbos de uso muito comum;
- f) emprego dos pronomes pessoais;
- g) concordancia dos adjetivos qualificativos com os substantivos; genero e numero dos adjetivos;
- h) concordancia do verbo com o sujeito, distinção do singular e do plural dos verbos e dos pronomes pessoais.

## Literatura

- a) reprodução de três historias, lendas ou fabulas, com linguagem propria;
- b) memorização de pequenos trechos em prosa e verso;
- c) leitura de cinco livros da biblioteca da classe ou da escola.

## QUARTA SERIE

## Leitura

- a) interpretar, cabalmente, os trechos escritos em linguagem corrente;
- b) lêr, com boa expressão, de modo que permita ao auditorio a compreensão do trecho lido;
- c) usar, convenientemente, os indices dos livros, os dicionarios, as enciclopédias e os livros didáticos.

## Composição

- a) escrever pequena narração de um fato ou interpretar uma estampa, com clareza e correção;
- b) escrever uma carta, principiando e terminando nas fôrmas de estilo, e usando, corretamente, os tratamento *você* e *senhor*;
- c) desenvolvimento das noções de terceira serie;
- d) pontuação correta;
- e) emprego correto das notações léxicas (cedilha, til, acentos);
- f) concordancia do adjetivo com o substantivo e do verbo com o sujeito;
- g) emprego correto da crase, nos casos mais simples.

## Gramatica

- a) noções de terceira serie, com maior desenvolvimento, introduzindo gradativamente a terminologia especial da gramatica, desde que a noção tenha sido bem compreendida;
- b) função do pronome—observação, em sentenças, das diversas especies de pronomes e estudo especial dos pronomes pessoais e suas variações. Exercícios e jogos para compreensão e pratica do emprego dessas variações e, com especialidades, das da terceira pessoa—*lhe, o, se*;
- c) conjugação dos verbos regulares, em exercicios de frasiologia;
- d) estudo da sentença—sujeito e predicado;
- e) observação da maneira por que se apresenta constituído o predicado em sentenças com verbos de predicação completa—palavras que indicam modo, quantidade, tempo, lugar—noção de advérbio;
- f) exercicios, para enriquecimento e precisão de vocabulario, sobre sinonimos, homonimos, paronimos; composição e derivação de palavras (dedução do significado dos prefixos e sufixos, de uso muito comum na linguagem corrente).

## Literatura

- a) reprodução de quatro historias, lendas ou fabulas, com linguagem propria;
- b) memorização de trechos em prosa e verso;
- c) leitura de cinco livros da biblioteca da classe ou da escola.

## QUINTA SERIE

## Leitura

- a) leitura ora expressiva, permitindo ao audiiorio a compreensão do trecho lido;  
 b) rapidez e compreensão na leitura silenciosa;  
 c) bons habitos de leitura e frequencia á bibliotéca.

## Composição

- a) redigir, com clareza, simplicidade e correção, narrações, cartas, relatorios, requerimentos, recibos, faturas, etc.  
 b) pontuar, corretamente, seus trabalhos escritos;  
 c) ter maior segurança nas noções exigidas na quarta serie;  
 d) segurança no emprego das regras gerais de ortografia.

## Gramatica

- a) noções de quarta serie, com maior desenvolvimento, com uso da terminologia gramatical conveniente;  
 b) observação das palavras quanto á flexão—classificação das palavras em variaveis e invariaveis;  
 c) estudo da sentença—verbos de predicação incompleta; elementos que completam o sentido do verbo—objeto direto e indireto (função da preposição, estudo das preposições simples);  
 d) estudo do periodo—periodo composto por coordenação e subordinação; função da conjunção — conjunções coordenativas e subordinativas. Oração principal e orações coordenadas e subordinadas, conhecimento, em periodos de construção simples, sem qualquer outra classificação;  
 e) estudo de verbos irregulares de uso mais comum, de verbos defectivos, aparentemente irregulares, abundantes, em exercicios de fraseologia;  
 f) exercicios para compreensão do emprego dos verbos ter e haver;  
 g) estudo das interjeições;  
 h) exercicios para enriquecimento e precisão de vocabulario sobre composição e derivação de palavras — prefixos e sufixos (influencia da lingua de outros povos em nosso idioma).

## Literatura

Programa identico ao da quarta serie.

Rio de Janeiro, 30 de Março de 1936.—  
 (aa) *Artur Magioli, J. C. da Costa Sena, Paulo Maranhão, Celina Padilha, Edite Montarroios de Moura Costa, Inácia Ferreira Guimarães e Alcina Tavares Guerra.*

## MATEMATICA

## PROGRAMA MINIMO

## 1ª Série

(Os numeros, após cada item, indicam as paginas do programa atualmente em uso, onde vem discriminada a materia.)

- 1.—Noção de tamanho, posição, direção, ordem numerica e distancia. (36,37,38,56).
- 2.—Partindo da observação de seres e objetos comuns, chegar ao conhecimento de fórmulas geometricas—esfera, cubo, cilindro. (36, 41, 43, 65, 66, 67).
- 3.—Noção de unidade e coleção (partindo de Ciencias Sociais e Ciencias Naturais, de acôrdo com as atividades e interesses dos alunos.) Emprego do zero.
- 4.—Numeração até 9. Simultaneamente—composição e decomposição de grupos (objetivação variada). Representação grafica dos numeros até 9. (38).
- 5.—Adição e subtração até 9; (oral e escrita). Sinal +, — e =. (48 a 54). Conhecimento do zero.
- 6.—Noção de dezena. Aplicação do zero (74). Contagem de dezenas, até 90.
- 7.—Noção de par e impar. Contagem de 2 em 2, até 10. (41, 46).
- 8.—Contagem até 19. Formação de numeros compreendidos entre duas dezenas consecutivas. Ampliação até 99. (38 a 44).
- 9.—Adição de dezenas e unidades. Adição de numeros compostos de 2 algarismos sem reservas. Indicação em colunas. (60 a 64).
- 10.—Subtração de numeros compostos de 2 algarismos, sem recurso á ordem superior. Indicação em coluna. (53 e de 60 a 64).
- 11.—Noção de duzia e meia duzia (44). Noção de metade de coleção (2, 4, 6, 8, 10,

- 12, 14, 16, 18, 20, 40, 60, 80. Meia dezenas (54).
- 12.—Noção de centena. Leitura e escrita de numeros até 100. (43 a 47).
- 13.—Contagem de 2 em 2, de 3 em 3, de 5 em 5. (44, 45).
- 14.—Noção de dobro.
- 15.—Conhecimento pratico de moedas até 5\$000. Troco até 2\$000. (55, 66, 67).
- 16.—Pequenos problemas simples.

## 2ª Série

- 1.—Revisão da materia de 1a. série.
- 2.—Contagem de centenas até 900. Formação de numeros compreendidos entre duas centenas consecutivas. (71 a 74, 98, 105, 106).
- 3.—Leitura e escrita de numeros de três algarismos. Composição e decomposição nas diferentes ordens. (72, 73, 74).
- 4.—Adição e subtração de numeros compostos de 3 algarismos, sem reservas e sem recurso á ordem superior. (77, 80, 99).
- 5.—Adição com reservas (numeros compostos de 2 e de 3 algarismos). (75 a 80).
- 6.—Subtração com recurso á ordem superior (numeros compostos de 2 e de 3 algarismos). (75 a 80).
- 7.—Adição de colunas de numeros simples iguais—contagem por grupos. Noção de multiplicação. Triplo, quadruplo (81, 82).
- 8.—Multiplicação com multiplicador simples. (83, 84).
- 9.—Noção de milhar. Contagem de milhares até 9.000. Dezena de milhar. (72, 73, 74).
- 10.—Leitura e escrita de numeros até 10.000. Composição e decomposição de numeros até 10.000. (72 a 74).
- 11.—Leitura e escrita de quantias até 10\$000. Conhecimento pratico de moedas e cédulas. (92, 99).
- 12.—Multiplicação por 10, 100, 1000. Divisão por 10, 100, 1.000 de numeros terminados em zero. (84).
- 13.—Meios terços e quartos de numeros respectivamente divisiveis por 2, 3 e 4 (dentro da centena). (71, 89, 90).
- 14.—Divisão com divisor simples (dividendo até 10.000, resto). (118).
- 15.—Numeração romana até L (71, 90). Leitura de horas e minutos. (71, 106).
- 16.—Noção de angulo : agudo, réto e obtuso (sem referencia a graus). (90, 91).
- 17.—Conhecimento pratico de metro e

1/2 metro, litro, 1/2 litro, 1/4 de litro, quilograma e 1/2 quilograma. (71 93,94,95,105, 106).

- 18.—Observação de corpos que apresentem superficies planas e superficies curvas. Reconhecimento de faces, bases e arestas do prisma, do cone e do cubo. Linha réta, suas posições—linha curva. (Desenho, cartonagem, modelagem).
- 19.—Conhecimento da nomenclatura relativa ás quatro operações.
- 20.—Provas reais da adição e da subtração.
- 21.—Pequenos problemas faceis sobre as 4 operações, relacionados com a vida da criança e cuja solução depende de um só calculo.
- 22.—Pequenos problemas faceis, cuja solução depende de dois calculos, sobre as 3 primeiras operações.

NOTA—Ao fim do periodo letivo as crianças devem ter *dominado perfeitamente* : as taboadas de somar, diminuir, multiplicar e dividir, bem como o mecanismo das 4 operações fundamentais, de acôrdo com o programa.

## 3ª Série

- 1.—Revisão da materia da serie anterior.
- 2.—Ampliação dos conhecimentos de numeração. Leitura e escrita de numeros quaisquer. Composição e decomposição nas diferentes ordens.
- 3.—Adição e subtração de numeros quaisquer. Provas reais. (115, 116).
- 4.—Multiplicação — multiplicador composto. Prova pela inversão dos fatores. Multiplicação por potencias de 10. Idem por numero terminados em zeros. Prova real. (117).
- 5.—Conhecimento completo do dinheiro brasileiro. Leitura e escrita de quaisquer quantias, até centena de contos. (125, 126, 137 e 138).
- 6.—Divisão—divisor simples e composto, resto. Prova real. Divisão por qualquer potencia de 10 dos numeros terminados em zero. (119).
- 7.—Numeração romana. Formação dos numeros, leitura e escrita. (111, 114, 130).
- 8.—Angulos. (114, 115)—posições relativas das linhas rétas (perpendiculares, obliquas, paralelas, convergentes, divergentes). (114, 115).
- 9.—Revisão de numeros pares e impares.

(111). Divisibilidade por 2, 3, 9, 5, 10. (120, 133).

10.—Noção de fração como parte de inteiro. Leitura, escrita, nome dos termos e equivalência de frações ordinarias. (120 a 122).

11.—Conhecimento de metro, litro e grama—múltiplos e submúltiplos (especialmente os mais usados : em., Km. Kl., eg., 1/2 Kg. e 1/4 de Kg., 1/2 litro e 1/4 de litro) (126 a 129).

12.—Noção de numero decimal. Divisão da unidade em decimos, centesimos, milésimos. Leitura e escrita de numeros decimais. Movimentos de virgula. Multiplicação e divisão pelas potencias de 10. Operações sobre decimais. (122, 131).

13.—Prisma (quadrangular, retangular e triangular)—bases, faces, arestas e vertices : quadrado, retângulo e triangulo. Piramide — base, faces, arestas e vertices. Cone — base, superficies, vertice; circulo. (112).

14.—Perimetro do triangulo, do quadrado e do retangulo. (166).

15.—Problemas orais e escritos — solução explicada. (134).

NOTA—Ao fim da 3a. serie as crianças devem realizar com desembaraço e exatidão as 4 operações fundamentais, com inteiros e decimais.

#### 4ª Série

1.—Revisão de materia da serie anterior, com treino intenso sobre sistema metrico (unidades usuais.)

2.—Conhecimentos completo de numeração romana. (143, 144, 145, 174).

3.—Multiplicação abreviada por 11. (143, 146, 147, 176, 177).

4.—Divisibilidade.

5.—Prova dos nove, das 4 operações. (119).

6.—Numeros primos e numeros multiplos. Fator ou divisor. Decomposição de numeros em fatores primos. Numeros primos entre si. (143, 147, 148, 149, 171).

7.—M. M. C. e M. D. C.

8.—Fração propria e impropria. Inteiro representado sob a forma de fração. Numero mixto (conversão em fração impropria e vice-versa). (143, 149 a 156, 174 a 177).

9.—Frações redutíveis e irredutíveis (termos pouco elevados). Variação das frações (em relação aos termos). Simplificação de

frações. Redução ao mesmo denominador. (150 a 156).

10.—Adição e subtração de frações ordinarias homogeneas e heterogeneas. (153 a 156).

11.—Fração de inteiro. Multiplicação de fração por inteiro. Noção de  $\%$ . Identidade com fração decimal. ( $5\% = 0,05 = \frac{5}{100}$ ). Aplicação da noção de fração de inteiro no calculo de percentagem ( $4\%$  de  $800\$ = 4 \times 100 + 800.000$ ). (166, 169, 170, 174, 176).

12.—Multiplicação e divisão de frações ordinarias (todos os casos) (156, 181 a 184).

13.—Circulo e circunferencia, raio e diametro. Medida de angulos. (144, 145, 187, 188).

14.—Noção de potencia e raiz. Quadrados dos numeros até 12. Raiz quadrada dos quadrados perfeitos até 144. (179 a 181, 196, 199 e 204).

15.—Noção de area. Metro quadrado, multiplos e submúltiplos. Area do quadrado, do triangulo e do retangulo. Superficie lateral e total do cubo e do paralelepipedo. Noção de figuras semelhantes—escalã. (179, 186, 187, 188, 161 a 165.)

16.—Continuação do estudo do sistema metrico—Conversões.

17.—Reconhecimento de triangulos e quadrilateros. Diagonais—medianas—altura.

18.—Problemas—solução explicada.

19.—Pequenas expressões, em que entrem frações ordinarias e decimais.

#### 5ª Série

1.—Revisão da série anterior.

2.—Medidas agrarias—relação com as de superficie—Conversões. (186, 187).

3.—Conversão de frações ordinarias em decimais e vice-versa. (184, 185, 186). Noção de fração periodica. Reconhecimento da fração geratriz de periodicas, simples e compostas, com ou sem parte inteira. Determinação da geratriz das periodicas simples e compostas.

4.—Area e perimetro do paralelograma, do losango e do trapézio. Circunferencia (comprimento) e circulo (área). (187, 190). Noção de arco, corda, flecha, tangente e secante.

5.—Volume. Metro cubico, multiplos e submúltiplos. Volume do cubo, do paralelepipedo, do prisma e da piramide. (190). Con-

versão das medidas de volume em medidas de capacidade e de peso e vice-versa. Tonelada metrica e quintal metrico. (190).

6.—Densidade.

7.—Poligonos regulares. (187, 190).

8.—Angulos complementares e suplementares. Angulos em torno de um ponto. (144, 145).

9.—Fração ordinaria como razão entre duas quantidades. Proporção (equivalencia de frações). Regra de três simples e composta (proporções e redução á unidade). (191, 192, 197, 201 e 204).

10.—Aplicação dos conhecimentos de percentagem e regra de três ao calculo de

juros. Regra de juros. Conhecimento e aplicação dos processos usados na pratica, para o calculo de percentagens e de juros. (194, 202, 204, 205).

11.—Noção de cambio—sistemas monetarios e conversões : Inglaterra, França, Estados Unidos, Portugal, Argentina e Uruguay. (195, 203, 205).

12.—Problemas e exercicios praticos.

Rio de Janeiro, 30 de Março de 1936.—  
Arthur Magiole, Celina Padilha, J. C. da Costa Sena, Paulo Maranhão, Edite Montarros de Moura Costa, Inácia Ferreira Guimarães e Alcina Tavares Guerra.

## UMA OFFERTA

*Com o proximo numero a sair, a Escola Primaria entrará no 20º. anno de sua existencia dedicada exclusivamente aos elevados interesses da educação popular.*

*Em commemoração desse anniversario, resolveu a direcção da revista oferecer a cada assignante uma collecção do anno anterior, mediante a simples apresentação do recibo da assignatura de 1936.*

## “A ESCOLA PRIMARIA”

De conformidade com o acordo estabelecido entre a Diretoria de Educação e a Administração desta revista, todos os diretores de grupos escolares, escolas primarias e cursos populares noturnos receberão um exemplar de cada numero d'«A Escola Primaria», o qual deverão conservar na «Biblioteca Escolar», como propriedade do estabelecimento que dirigem.

N. da Red.

EM

## CAMBUQUIRA

Procurai

### "ELITE HOTEL"

O QUE MAIS CONFORTO OFFERECE AOS SENHORES VERANISTAS — O MELHOR DE  
TODAS AS ESTANCIAS HYDRO-MINERAES DO BRASIL

Rivalisa com os mais modernos hotéis do Rio de Janeiro

Apartamentos luxuosos, amplamente ventilados e dotados de installações  
electricas, agua corrente, etc.

Em todas as peças do edificio predominam a  
elegancia e o bom gosto

As diarias vão de 15 a 20\$000, conforme os dormitorios. Os professores gozarão, a pedido da  
direção desta revista, de uma redução de 0% quando acompanhados de familia.

Para mais informações dirigir-se ao proprietario

## JULIO DE ANDRADE LEMOS

OU A ESTA REDACÇÃO

## Assistencia Dentaria Escolar

*Chamamos a attenção dos senhores dentistas escolares para o  
grande sortimento de artigos dentarios, que a CASA CIRIO  
offerece em optimas condições.*

7 de Setembro 82 —Phones, 22-9249 e 22-9446  
(Provisoramente)

# Para gozar a vida...



### O Snr. não precisa de dinheiro junto!

**P**ODE gastar e gastar sem se preocupar com o Futuro. Ora, não é possível gozar a vida desde que existam preocupações... Ha um meio de se sahir deste circulo vicioso... Faça um seguro de vida para garantir o conforto de sua velhice ou o futuro dos seus, no caso de desaparecer prematuramente. Depois, não pense mais no dia de amanhã. Delle cuidará seu seguro... Então, goze a vida... Divirta-se, como lhe apraz, com sua esposa e filhos. Tenha sempre em vigor o seguro e gaste o resto dos rendimentos de seu trabalho aproveitando o valor do seguro, para augmentar tambem o peculio que ha de ser util, um dia. Um seguro não demanda sacrificios. Escreva-nos, hoje mesmo, e com os informes que receber conhecerá as vantagens do seguro.

## Sul America

Companhia Nacional de Seguros de Vida



# LIVRARIA FRANCISCO ALVES

RIO DE JANEIRO

S. PAULO

BELLO HORIZONTE

Rua do Ouvidor, 166 — Rua Libero adaró, 49, A — Rua da Bahia, 1052

PAULO DE AZEVEDO & C. Livreiros Editores e Importadores

## HILARIO RIBEIRO

Cartilha Nacional.....	\$700
2.º Livro de Leitura.....	1\$000
3.º Livro de Leitura.....	1\$000
4.º Livro de Leitura.....	1\$000

## THOMAZ GALHARDO

Cartilha da Infancia.....	\$700
2.º Livro de Leitura.....	1\$500
3.º Livro de Leitura.....	2\$500

## EPAMINONDAS E FELISBERTO DE CARVALHO

1.º Livro de Leitura.....	2\$000
2.º Livro de Leitura.....	2\$500
3.º Livro de Leitura.....	3\$000
4.º Livro de Leitura.....	4\$000
5.º Livro de Leitura.....	4\$000

## SERIE FIGGARI-BARRETO

1.º Livro de Leitura.....	2\$500
2.º Livro de Leitura.....	3\$000
3.º Livro de Leitura.....	3\$000
4.º Livro de Leitura.....	2\$500

## ARNALDO BARRETO

Cartilha das Mães.....	1\$200
Cartilha Analitica.....	2\$000
Primeiras Leituras.....	2\$000
Leituras Moraes.....	2\$000

## FRANCISCO VIANNA

Primeiros Passos na Leitura... Cartilha.....	1\$500 2\$000
Leitura preparatoria.....	2\$500
1.º Livro de Leitura.....	2\$500
2.º Livro de Leitura.....	3\$000
3.º Livro de Leitura.....	3\$000
4.º Livro de Leitura.....	4\$000

## JOÃO KOPKE

1.º Livro de Leitura.....	2\$000
2.º Livro de Leitura.....	2\$500
3.º Livro de Leitura.....	2\$500
4.º Livro de Leitura.....	3\$500
Leitura Praticas.....	2\$000
Fabulas (em verso).....	1\$500

## D. MARIA ROSA RIBEIRO

Leitura Intermediaria.....	2\$000
Leitura para o 2.º anno.....	2\$500
Leitura para o 3.º anno.....	2\$500
Leitura para o 4.º anno.....	3\$000

## D. RITA DE MACEDO BARRETO

Leituras Preparatorias.....	2\$500
1.º Livro de Leitura.....	2\$500
2.º Livro de Leitura.....	3\$000
3.º Livro de Leitura.....	3\$000
4.º Livro de Leitura.....	3\$500

## JOÃO RIBEIRO

Autores Contemporaneos.....	5\$000
Selecta Classica.....	6\$000

## ASSIS CINTRA

Pequenas Historias.....	2\$500
-------------------------	--------

## O. BILAC e M. BOMFIM

Atravez do Brasil.....	5\$000
Leitura complementar.....	5\$000
Livro de composição.....	4\$000

## CARMEN GILL

Instrucção Civica.....	4\$000
------------------------	--------

## ALTINA DE FREITAS

Cartilha.....	2\$000
---------------	--------

## ANNA CINTRA

Ensino Completo de Leitura...	1\$500
-------------------------------	--------

## A. JOVIANO

Primeira Leitura (para crianças)	2\$000
Primeira Leitura (para adultos).	2\$000
Lingua Patria—1.º Livro.....	4\$000
“ “ —2.º Livro.....	5\$000
“ “ —3.º Livro.....	5\$000

## MARIA DO CARMO P. NEVES

Exercicios de Linguagem — (1., 2.º e 3.º annos).....	3\$000
Exercicios de Linguagem — (4.º e 5.º annos).....	3\$000
Exercicios de Linguagem (6.º e 7.º annos).....	4\$000

## MANOEL BOMFIM

Primeiras Saudades.....	4\$000
Creanças e Homens.....	3\$000

## E. DE AMICIS

Coração.....	4\$000
--------------	--------

## AFRANIO PEIXOTO

Minha Terra e Minha Gente...	4\$000
------------------------------	--------

## BILAC e C. NETTO

Contos Patrios.....	3\$500
Patria Brasileira.....	3\$500
Theatro Infantil.....	2\$500

## ALBERTO DE OLIVEIRA

Céo, Terra e Mar.....	4\$000
-----------------------	--------

Remettemos nosso catalogo gratis para todo Brasil